



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Ciências Sociais

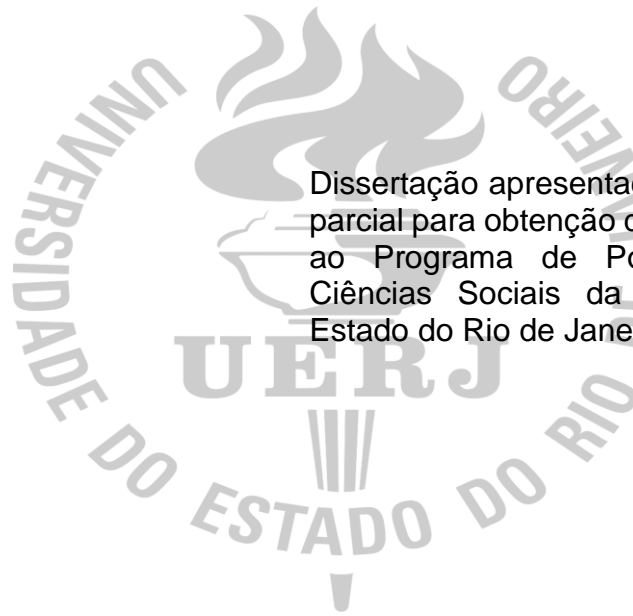
Paula Esteves Pinto

**Os interditos do desejo: um estudo autoetnográfico das emoções
nas relações de dominação e submissão entre praticantes de
BDSM**

Rio de Janeiro
2023

Paula Esteves Pinto

**Os interditos do desejo: um estudo autoetnográfico das emoções
nas relações de dominação e submissão entre praticantes de BDSM**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Mendes Lacerda.

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

P659 Pinto, Paula Esteves.
Os interditos do desejo: um estudo autoetnográfico das emoções nas relações de dominação e submissão entre praticantes de BDSM / Paula Esteves Pinto. – 2023.
103 f.

Orientadora: Paula Mendes Lacerda.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Ciências Sociais.

1. Emoções – Teses. 2. Comportamento sexual – Teses. 3. Ciências Sociais – Teses. I. Lacerda, Paula Mendes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 159.942

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paula Esteves Pinto

Os interditos do desejo: um estudo autoetnográfico das emoções nas relações de dominação e submissão entre praticantes de BDSM

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 14 de fevereiro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Paula Mendes Lacerda (Orientadora)
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Profa. Dra. Cláudia Barcellos Rezende
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos
Universidade Federal de Juiz de Fora

Rio de Janeiro
2023

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe (*in memoriam*), alma livre e transgressora por natureza, que me ensinou desde cedo a questionar.

AGRADECIMENTOS

*Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade.*

(Raul Seixas)

Agradeço à **Olódùmarè** pela dádiva da vida, ao meu **Orí** vitorioso por me dar sabedoria e a **Ògún** por me fazer renascer e abrir meus caminhos rumo ao sucesso.

Aos meus pais, **Fátima** e **Paulo**, pela estrutura que me proporcionaram e à minha avó **Hilda** (*in memoriam*) por todo amor.

Ao meu filho **Victor Esteves**, meu maior orgulho, motivo de todo o meu empenho, que acredita em mim como ninguém, pelo tanto que me ensina, me apoia e me faz querer ser melhor a cada dia.

Ao meu irmão **Jorge Medeiros**, pela partilha da vida, por ser fonte de inspiração nos meus estudos, por me apresentar a antropologia e seus autores, e pelo suporte e contribuição nessa jornada acadêmica.

Ao meu companheiro **Júlio Augusto** que me incentiva desde o início desta pesquisa e que foi fundamental para a construção deste trabalho, seja pelas trocas, textos compartilhados e por toda contribuição valiosa.

Ao meu sacerdote **Bàbá Mário Filho**, por todo aprendizado espiritual, pelos conselhos e por me ajudar a enxergar que sou capaz.

A todos os meus **irmãos do TEPN** com quem aprendo e ressignifico a cada dia o conceito de comunidade, partilha, espiritualidade e consciência político-religiosa.

Ao amigo **Felipe Spinola** pela amizade, solicitude, incentivo e apoio em inúmeras traduções.

Às amigas e mulheres que me inspiram **Danielle Comte, Simone Duarte, Priscila Marchi, Bárbara Gomes, Lara Cunha, Luane Mello, Leonor Araujo, Amanda Di Foggi, Ana Mediolli, Jacqueline, Jeissiane Turetta, Jéssica Souza** e **Luana Carvalho** pelo apoio e carinho.

À **UERJ**, instituição que me formou na graduação e me ensinou a construir conhecimento de forma autônoma.

À minha orientadora, **Paula Lacerda**, inspiração profissional, que com seu jeito sereno e metódico me ensinou a escrita acadêmica, confiou em mim e nesse trabalho, me dedicando de forma empática mensagens incentivadoras e contribuindo imensamente com essa pesquisa.

Aos professores **Cláudia Barcellos** e **Raphael Bispo**, que aceitaram prontamente fazer parte da banca examinadora, pela leitura atenta e pelas riquíssimas contribuições.

À professora **Carolina Parreiras** pelas dicas e apontamentos no início dessa pesquisa.

Às colegas de Mestrado **Geana Benfeita**, **Yasmin Campelo**, **Vanessa de Souza**, **Mayra Chomski**, **Maria Eduarda Tamate**, **Júlia Fleury** e **Márcia da Silva** pela rede de apoio que construímos e por dividirem as delícias e angústias de ser mestranda em um cenário completamente adverso como foi o da pandemia.

A todos os sujeitos de pesquisa que, muito mais do que dados, fizeram parte da minha história.

À **L** por tudo que compartilhamos, pela amizade, irmandade e por sonhar junto uma vida num 'motorhome'.

Ao **MS** pela construção e partilha de todas as emoções que permearam essa pesquisa.

Do Desejo

Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.
Extasiada, fodo contigo
Ao invés de ganir diante do Nada.

II

Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras.
Que desenhos e rictus na tua cara
Como os frisos veementes dos tapetes antigos.
Que sombrio te tornas se repito
O sinuoso caminho que persigo: um desejo
Sem dono, um adorar-te vívido mas livre.
E que escura me faço se abocanhas de mim
Palavras e resíduos. Me vêm fomes
Agonias de grandes espessuras, embaçadas luas
Facas, tempestade. Ver-te. Tocar-te.
Cordura.
Crueldade.

Hilda Hilst

RESUMO

ESTEVEES, Paula. *Os interditos do desejo*: um estudo autoetnográfico das emoções nas relações de dominação e submissão entre praticantes de BDSM. 2023. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A dissertação tem por objetivo realizar uma autoetnografia acerca do lugar das emoções nas relações de dominação e submissão entre praticantes de BDSM (acrônimo para as palavras Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) a partir de vivências em clubes fetichistas de diferentes cidades do Brasil, bem como nos espaços de convivência *online*. No decorrer das interações e das múltiplas experimentações que fiz, busquei conhecer os desejos e emoções que engajam sujeitos nessas práticas. No entanto, me chamou mais atenção as emoções indesejadas e interditadas pelos atores do meio como requisito para fazer parte daquela comunidade. Ao final desta pesquisa espero ter contribuído para uma melhor compreensão acerca das emoções corporificadas em uma estrutura relacional não convencional a partir do autoconhecimento de um *self* experimentando uma nova expressão de sexualidade.

Palavras chave: Sexualidade. Emoções. BDSM. Autoetnografia.

ABSTRACT

ESTEVEES, Paula. *The interdicts of desire: an autoethnographic study of emotions in domination and submission relationships among BDSM practitioners*. 2023. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The dissertation aims to carry out an autoethnography about where the emotions stand in the relationships of domination and submission between BDSM practitioners (acronym for the words Bondage, Discipline, Domination, Submission, Sadism and Masochism) based on experiences in clubs in different cities in Brazil, as well as in online coexistence spaces. During the interactions and multiple experiments that I did, I sought to know the desires and emotions that engage subjects in these practices. However, the emotions that were unwanted and interdicted by the actors in the community caught my attention as a requirement to be part of that community. At the end of this research I hope to have contributed to a better understanding of emotions embodied in an unconventional relational structure from the self-knowledge of a self experiencing a new expression of sexuality.

Keywords: Sexuality. Emotions. BDSM. Autoethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ball Gag	41
Figura 2 – Flogger	41
Figura 3 – Prática de Pet Play	44
Figura 4 – Prática de Age Play	44
Figura 5 – Entrada da Sala Medieval	47
Figura 6 – Cadeira de tortura, cavalete e cruz de Santo André.....	48
Figura 7 – Entrada da Sala Vermelha	50
Figura 8 – Jaula, cama e cavalete da Sala Vermelha	51
Figura 9 – Sala Vermelha vista de outro ângulo.....	51
Figura 10 – Entrada da Sala Industrial	52
Figura 11 – Visão da entrada do Dominatrix	57
Figura 12 – Salão do primeiro andar do Dominatrix	59
Figura 13 – Salão do segundo andar do Dominatrix	60
Figura 14 – Prática de Shibari	60
Figura 15 – Outro ângulo do palco e da loja de acessórios.....	62
Figura 16 – Masmorra Valentina Severo	69
Figura 17 – Dom Barbudo, 1º Mr. Leather Brasil.....	71
Figura 18 – Studio 57	72
Figura 19 – Cozinha do Studio 57	72
Figura 20 – Dom Barbudo e seu submisso	73

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
	Do desejo	17
	Da descoberta de uma sexualidade à descoberta de um campo de estudos	19
	Entrando em campo	22
	Do campo digital ao campo presencial	26
	Estrutura da pesquisa	29
1	CONTEXTUALIZANDO SEXUALIDADES DISSIDENTES	31
1.1	Do fetichismo ao movimento de contracultura sexual	33
1.2	Do SM ao BDSM	35
2	TECENDO CONEXÕES	39
2.1	Castelo de Thor	39
2.2	Festa Delirium	43
2.3	The Happy Hour	46
2.4	Dominatrix Augusta - dia 156	56
2.5	SM Place	64
2.6	Dominatrix Augusta - dia 267	67
2.7	Masmorra Valentina Severo	69
2.8	Studio 57 do Dom Barbudo	71
3	SINTO, LOGO EXISTO	75
3.1	Discursividades: identidade e o <i>self</i> social	75
3.2	Costurando emoções	81
3.3	Emoções corporificadas	88
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é o resultado de três anos da minha incursão pelo universo dos praticantes de dinâmicas eróticas denominado BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo) como uma *insider*. O tema deste trabalho é fruto das minhas inquietações a partir da minha descoberta pessoal de uma nova expressão da sexualidade e das minhas vivências e conexões tecidas na tentativa de lidar com o autoconhecimento, o conhecimento do outro e de uma realidade totalmente diferente daquela que eu havia experienciado até então.

O objetivo inicial consistia em entender como ocorria a construção de identidades a partir de aspectos próprios de uma sexualidade não-normativa. Para compreender o conceito de não-normatividade utilizado nessa pesquisa, recorri ao entendimento de Díaz-Benítez e Fígari sobre sexualidades dissidentes:

[...] práticas sexuais e eróticas que desafiam os efeitos políticos da abjeção/repugnância, ou seja, aquelas que se situam nos campos de impossibilidade significativa, mas que com a sua existência precisamente corroem, toda vez que denunciam, o ponto de não-sutura das sexualidades instituídas. (DÍAZ-BENÍTEZ & FÍGARI, 2009, p.21).

Assim, os autores argumentam que é a partir do estabelecimento daquilo que é normal, aqui representado pela heterossexualidade, que emergem as sexualidades periféricas, onde “o outro subalterno não só é reformulado em termos repressivos/proibitivos [...], mas basicamente como gênese da alteridade sobre a qual repousa minha própria gênese” (DÍAZ-BENÍTEZ & FÍGARI, 2009, p.22). Entendendo que o campo das sexualidades é um campo amplo com muitas nuances a serem exploradas e precisando restringir o meu objeto de pesquisa, optei por focar em uma emoção que acredito ser a mola propulsora capaz de mover indivíduos nessa empreitada rumo ao desconhecido: o desejo.

Nesta pesquisa, o desejo apareceu como uma categoria nativa recorrente que se constitui em uma emoção que incita e revela outras emoções. Costumamos pensar nas emoções como reações e resultados de outras ações, mas o desejo aqui age tanto provocando outras emoções como também pode ser entendido como uma emoção gerada a partir de outros estímulos. No artigo “O gênero da

humilhação”, María Elvira Díaz-Benítez aborda a humilhação da mesma forma que busco apresentar o desejo, ou seja, “como um ato e simultaneamente como uma emoção que se desdobra e se constitui por meio de outros múltiplos atos e emoções” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2019, p.53) e, diante dessa complexidade, procurei entender as micropolíticas e as dinâmicas que estão por trás do desejo como principal complexo emocional, mas que se desdobra em angústia, em vergonha, em culpa, em raiva etc.

A opção pela realização de uma autoetnografia como método de pesquisa se deu em razão da minha prévia inserção no campo de estudos do BDSM e da possibilidade de unir interesse pessoal e acadêmico. Não foi, no entanto, uma decisão fácil, uma vez que me levaria a expor experiências muito pessoais, vulnerabilidades, dúvidas, inseguranças, medos, timidez e, assim como fez Lévi-Strauss, eu hesitei e me questioneei:

Quinze anos passaram desde a data em que deixei o Brasil pela última vez e, durante todos estes anos, muitas vezes acalentei o projeto de começar este livro; de todas as vezes fui detido por uma espécie de vergonha e de repulsa. Pois será mesmo necessário contar minuciosamente tantos pormenores insípidos, tantos acontecimentos insignificantes? (LÉVI-STRAUSS, 1955, p.11).

Mesmo assim cheguei à conclusão de que falar sobre emoções através das minhas próprias experiências de subjetivação a partir do BDSM poderia contribuir para a pesquisa antropológica, especialmente nos temas da sexualidade, além de contribuir para o campo dos estudos realizados em perspectiva autoetnográfica.

A pesquisa autoetnográfica impõe questões desafiadoras, tais como o distanciamento de si, ao requisitar o olhar a si próprio como objeto de análise e ser capaz de separar as categorias em nativas e analíticas; e o que expor de si, tanto no sentido de escolher os dados relevantes para a pesquisa, quanto no sentido de resguardar aspectos privados. Para ajudar a trabalhar essas questões, busquei o diálogo com alguns autores que pesquisaram aspectos próprios da pesquisa autoetnográfica, tais como Fabiene Gama e Carolyn Ellis. Além disso, a temática abordada neste trabalho transita entre dois extremos, pois ao mesmo tempo em que envolve uma questão da vida privada, tem na performance da exposição um dado importante de pesquisa.

Com isso em mente e ponderando a responsabilidade do pesquisador, ainda

que este seja um universo atravessado pelo exibicionismo e voyeurismo e ainda que a maioria dos atores dessa pesquisa quisessem ser nominalmente citados, fiz a opção por pseudônimos e pelo anonimato da maioria dos interlocutores. Para além de resguardá-los, preferi não ficar refém de atender a expectativas que esses sujeitos pudessem criar sobre o que seria produzido a respeito deles. Sendo assim, pensando que os acordos com os interlocutores valem para o momento em que a pesquisa está sendo produzida, mas que seu registro permanecerá público por um período contínuo, optei pelo anonimato não só das pessoas, mas também das festas e de alguns dos estabelecimentos comerciais onde se ambientaram a pesquisa.

Outra questão que merece destaque para a compreensão deste trabalho diz respeito à temporalidade dos eventos e narrativas, uma vez que hoje, prestes a defender essa dissertação, eu não faço mais parte dessa comunidade, pelo menos não da forma como seus integrantes entendem que alguém possa ser considerado um membro deste grupo. Dessa forma, minha escrita e minhas descobertas acerca do objeto de estudo ocorrem em três momentos distintos: o primeiro enquanto novata *insider*, o segundo enquanto *insider* e pesquisadora simultaneamente e o terceiro com o olhar de pesquisadora que participou ativamente de um campo do qual não faz mais parte. Portanto, a minha fala ora aparecerá no passado como quem estava vivenciando as experiências narradas pela primeira vez, sem muito conhecimento do tema, ora em retrospectiva, fazendo reflexões e abordando contextos que eu só fui capaz de narrar após esses anos de pesquisa e coleta de dados.

Tudo nessa pesquisa era absolutamente novo para mim, desde a confecção de uma dissertação – uma vez que, na graduação de Letras, meu curso não previa a construção de um trabalho final – até a possibilidade de realizar uma autoetnografia, refletindo sobre emoções no universo BDSM. Mas, apesar de cada passo dessa pesquisa ter sido extremamente desafiador, acredito que é no desafio que mora a produção de conhecimento.

Adams, Ellis e Jones afirmam que “autoetnografias são demonstrações artísticas e analíticas de como conhecemos, nomeamos e interpretamos a experiência pessoal e cultural. Com a autoetnografia, usamos nossa experiência para nos engajar aos outros, às culturas, à pesquisa política e social. Ao fazer autoetnografia, enfrentamos "a tensão entre prática social e constrangimento social"

(ADAMS, ELLIS e JONES, 2015, p.14, tradução minha).

Neste trabalho, procurei compreender as emoções corporificadas dentro de um modelo relacional não convencional a partir não só de uma consciência pessoal, mas também na observação daquilo que é silenciado, não dito ou interditado para não expor um *self* vulnerável. Por isso, a autoetnografia nesta pesquisa é tão importante, como ressalta Fabiene Gama:

Ao desafiarem as normas e fronteiras representacionais e experimentar com as formas, estruturas e conteúdos, trabalhos autoetnográficos investem na expressão das emoções como uma forma de abordagem cultural e apresentam como autoras pessoas encarnadas. Dessa forma, eles ampliam o que se pode dizer sobre determinados assuntos, pessoas e instituições, e até mesmo sobre a disciplina antropológica. (GAMA, 2020, p.3).

Entretanto, apesar de autoetnográfica e alicerçada nas emoções que eu fui experimentando, essa pesquisa contempla não apenas as emoções que eu vivenciei, como também as emoções alheias observadas em campo, pois por mais que a centralidade seja a autoetnografia, também se faz importante pontuar o contraste daquilo que percebo a partir de mim e a partir do outro.

Assim, entendendo o desejo enquanto emoção indissociável de qualquer experimentação sexual, direcionei minha análise tomando por base a antropologia das emoções para investigar os aspectos emocionais envolvidos nas relações de dominação e submissão no contexto BDSM. Logo, as demandas emocionais, mas principalmente as emoções indesejadas, não permitidas e interditas pelos atores do meio pesquisado chamaram minha atenção. Isso porque eu percebi uma tentativa de homogeneização das identidades através de discursos do que é certo ou errado produzidos dentro daquela comunidade que, a princípio, poderia ser imaginado como um espaço onde seria possível experimentar formas de liberdade sexual. Assim, esperava-se que todas as pessoas que se identificassem com o papel de submissão tivessem as mesmas características, comportamentos e formas de agir, sentir e se expressar, bem como aqueles que se identificassem com o papel de dominação.

Segundo as autoras Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod, que são referência no campo de estudos das emoções, uma das teorias possíveis acerca das emoções as entende como construções socioculturais e não certezas universais:

Se o sentido da emocionalidade difere de uma cultura para outra, e se seu

uso na organização social ou na prática emocional difere de uma cultura para outra, toda e qualquer certeza acerca de universais se vê minada (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990, p.3).

Partindo desse pressuposto, pode-se depreender que os fetiches ou fantasias sexuais podem estar relacionados ao conceito de moral e cultura de uma época, uma sociedade ou grupo específicos, o que acaba por moldar a forma como o sujeito vai se expressar. Portanto, as emoções seriam construções mutáveis variando com o contexto em que estão inseridas. Lutz e Abu-Lughod falam ainda de uma performance das emoções, que no cenário observado nesta pesquisa suscitou questões de gênero na manutenção de estruturas hierárquicas de poder.

Dessa forma, num primeiro momento, os indivíduos passam a forjar espaços sociais e a ocupar territórios para fazer parte de grupos com os quais tenham afinidades e possam expressar seus desejos e fetiches sem julgamentos. Então, as dinâmicas sociais que acontecem na ocupação desses espaços denotam a disputa pelo lugar de pertencimento e reconhecimento desses grupos perante a sociedade e seu discurso moralista excludente.

No entanto, esses microterritórios de resistência que emergem da necessidade de desafiar o *status quo* possuem suas próprias regras que acabam por influenciar a forma como os indivíduos irão expressar suas sexualidades, o que pode ser identificado na forma de se vestir, na forma de se portar, na forma de se comunicar, mas principalmente na forma de sentir.

Do desejo

Com o início da pandemia provocada pelo vírus da COVID-19 que mudou radicalmente o cotidiano de milhões de pessoas ao redor do mundo, fazendo com que os indivíduos precisassem se manter isolados em suas casas a fim de conter a propagação do vírus, eu estava curando as feridas de uma recente separação. Em um cenário ideal, esse seria o momento em que eu deveria me cercar de amigos, me permitir conhecer novas pessoas e descobrir novas possibilidades de ser feliz. No entanto, era março de 2020 e a recomendação máxima era o isolamento social.

O contato com o mundo exterior estava restrito ao meio digital e às notícias dos meios de comunicação. Se por um lado essa situação provocava uma enorme claustrofobia, por outro obrigou as pessoas a aprenderem a conviver consigo

mesmas e com a solidão. Comigo não foi diferente. Eu precisei olhar para dentro de mim, remexer em gavetas, perdoar culpas, espantar fantasmas e nesse processo, que vivi como longo e doloroso, eu pude me reconhecer e separar a pessoa que havia sido criada socialmente para atender expectativas alheias da pessoa que eu gostaria de ser.

Passava muitas horas conectada à internet, entre leituras de notícias sobre a pandemia, assistindo *lives* de artistas que buscavam entreter a população e angariar fundos para ajudar aqueles mais afetados pela conjuntura, trocando mensagens com amigos e familiares para saber se estavam bem, além de navegar pelas redes sociais e pelos aplicativos (*apps*) de relacionamento.

Minha incursão pelos aplicativos de relacionamento, no entanto, tinha o único objetivo de fazer o tempo passar, preencher as horas vazias, sem grandes expectativas de realmente conhecer alguém, uma vez que era muito arriscado sair de casa naquele momento. O que eu não poderia imaginar é que a partir de conversas despreziosas, eu me depararia com a descoberta de uma nova expressão da sexualidade. Foi através de um simples bate-papo que sutilmente eu fui apresentada a sensações e gostos que eu nem sequer sabia que existiam e que eram possíveis para mim.

Já há algum tempo eu nutria uma vontade de retornar à academia para realizar um mestrado, mas não havia encontrado algo que me instigasse e atiçasse a minha curiosidade. Naquela mesma semana, uma antropóloga, que eu já acompanhava pela internet e que tirava dúvidas acerca do cotidiano da pós-graduação, respondeu a um candidato a aluno de mestrado que questionou sobre onde encontrar um objeto de pesquisa e sua resposta foi simples, direta e me caiu como uma luva: “do desejo”!

Aquela palavra resumia tudo o que consumia meus pensamentos: desejo de viver, desejo de estudar, desejo de sentir, desejo de desbravar, desejo de descobrir, desejo de desfrutar, enfim, desejo de desejar! Por certo que naquele momento eu ainda não estava apta a fazer a conexão necessária entre esses vários desejos a fim de unir interesse pessoal e acadêmico, mas não demorou muito tempo até que eu me desse conta de que todas aquelas novas emoções me levariam a uma jornada de autoconhecimento que se desdobraria no que mais tarde viria a tornar-se o objeto de pesquisa de uma dissertação de mestrado, utilizando a autoetnografia como método e caminho analítico.

Da descoberta de uma sexualidade à descoberta de um campo de estudos

Como mencionei, o momento em que eu me deparei com uma nova expressão da sexualidade foi muito sutil e aconteceu a partir de conversas em um aplicativo de relacionamento, onde não foram citados termos, conceitos, explicações didáticas ou qualquer outra coisa que me desse um sinal do que estava acontecendo. Eu só sabia que era diferente de tudo que eu conhecia até ali. Esse contato nem durou muito, mas foi o suficiente para fazer com que eu me lançasse numa busca para entender o que era aquilo tudo que aquelas conversas haviam provocado em mim e o que eu estava experienciando.

Em um determinado ponto eu me deparei com um termo que nunca havia escutado: BDSM. Tratava-se de um acrônimo para os pares Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo. O mais perto que eu achava que entendia sobre o assunto vinha de visões estereotipadas do senso comum acerca de sadomasoquismo e ali eu travei.

O primeiro pensamento foi de que eu estava ficando maluca. O pouco que havia no meu imaginário sobre o tema me levava a crer que eu não me encaixava naquele cenário, que considerava bizarro. Cessei as buscas (ou achei que poderia fazê-lo) e procurei redirecionar meu foco para outras atividades e interesses, mas foi em vão. Eu estava curiosa sobre aquele universo e queria saber mais. Passei, então, a ler artigos e matérias que explicassem melhor o que acontecia naquele mundo tão distante da minha realidade.

Nas práticas BDSM as pessoas assumem papéis de acordo com a posição que irão desempenhar, podendo identificar-se como dominadores (aqueles que optam por desempenhar práticas de forma ativa), submissos (aqueles que optam por desempenhar práticas de forma passiva) ou switches (aqueles que alternam entre as duas posições). Foi aí que encontrei um blog de um dominador chamado Mestre Thor¹ que dizia ter larga experiência e anos de prática. Comecei a acompanhar suas publicações, descobri sua página no Instagram e também a de sua submissa, Amor de Thor, que parecia ser uma pessoa extremamente atenciosa e acessível. Arrisquei-me, então, a lhe enviar uma mensagem privada pelo Instagram, perguntando se eu poderia tirar algumas dúvidas. Ela foi muito solícita,

¹ No meio fetichista, onde ocorrem as interações entre adeptos de práticas BDSM, as pessoas adotam apelidos para proteger suas identidades civis.

mas as suas respostas ainda eram muito vagas para mim e não me satisfaziam. Os dois, dominador e submissa, tinham um grupo no Whatsapp em que pessoas de vários estados do país se reuniam para conversar sobre BDSM. Tratava-se de uma espécie de clube, que eles denominavam Castelo de Thor, onde os membros pagavam uma mensalidade para fazer parte daquele grupo com direito a *lives* semanais que incluíam desde bate-papos com o dominador e a submissa, até cenas realizadas pelos dois. Mestre Thor e Amor foram os personagens do primeiro relacionamento BDSM ao qual eu tive acesso e contarei com mais detalhes adiante.

Eu havia encontrado a primeira oportunidade de “espiar pelo buraco da fechadura”, como eu considerava, e a agarrei. Entretanto, não tardou para que eu deixasse de espiar e fosse jogada porta adentro. Amor me orientou a criar um *nickname* (apelido) para proteger a minha identidade e também uma conta no Instagram com esse determinado *nick*, pois as *lives* ocorriam através de um grupo nessa plataforma e, por segurança, eu não deveria atrelar a minha conta pessoal àquele universo. Foi dessa forma que nasceu a Atena. Eu não tinha a menor noção de onde estava me metendo àquela altura, mas eu havia acabado de dar nome à minha identidade fetichista que mais tarde seria conhecida por toda a comunidade.

O meio digital, mais especificamente o Instagram, foi, então, onde eu tive o meu primeiro contato com o campo, ainda sem saber que o mundo fetichista viria a se tornar o meu objeto de estudo. Eu estava maravilhada com a forma como as interações aconteciam naquela plataforma.

Quando eu criei a conta e entrei no grupo do Castelo de Thor, eu me conectei primeiramente com os integrantes do grupo, mas a partir dali, percebi que através dos *nicks*, que em sua grande maioria vinham acompanhados pelo que os membros denominavam honoríficos, as pessoas se reconheciam e se adicionavam mutuamente. Então, entendi que nomes acompanhados de palavras tais como Senhor, Senhora, senhorita, sub, Dom, Domme, Lord, Mestre, Master, Mistress, entre outros, identificavam os integrantes do meio BDSM na internet². Esses honoríficos eram nada mais do que formas de tratamento pelas quais as próprias pessoas gostariam de ser chamadas e reconhecidas, mas para os integrantes do meio, era mais um elemento que caracterizava suas identidades fetichistas.

As interações entre as pessoas eram diárias e incluíam marcar os amigos em

² A escrita dos honoríficos já marca a relação hierárquica entre os papéis de dominação e submissão, sendo o primeiro grafado com inicial maiúscula e o segundo com inicial minúscula.

publicações com desafios e brincadeiras do tipo “poste seus fetiches preferidos”, “dez coisas sobre você que ninguém sabe”, “poste uma foto de agora”, além de iniciativas como o “clube do café”, onde as pessoas postavam uma foto dando bom dia e mostrando seu café da manhã e o “clube do banho”, onde mulheres que se identificavam com a posição de submissa postavam fotos sensuais no banho desafiando outras a fazerem o mesmo.

E, assim como na tese de Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a dádiva* (2003), a vida social daquela comunidade digital se constituía em uma rede de trocas, pautada no dar e receber elogios, no mencionar e ser mencionado, ou seja, a reciprocidade era o que movimentava as conexões, fazendo com que as pessoas se conhecessem e se tornassem conhecidas e, conseqüentemente, fossem validadas enquanto membros daquele grupo.

Assim, após os primeiros dois meses de contato, onde eu devorei tudo que eu pude sobre o assunto e teci relações no meio digital, agora já entendendo melhor termos utilizados pelos praticantes, conhecendo os atores que estavam inseridos naquele meio, o conteúdo entregue pelo Castelo de Thor já não me oferecia maiores novidades e eu saí do grupo. Nesse mesmo período, conheci uma página do Instagram chamada Fetish Lab, que depois tornou-se um podcast, onde o Dominador que criava os conteúdos da página, conhecido por Mestre Zeus, fazia *lives* semanais gratuitas, esmiuçando os assuntos sob uma perspectiva mais histórica, citando artigos científicos, dando recomendações bibliográficas, falando de pessoas que foram importantes no cenário nacional e internacional na defesa de sexualidades dissidentes, tais como Gayle Rubin, Pat Califia, Cynthia Slater, Guy Baldwin, Susan Wrigth, Marsha Johnson etc e aquilo tudo me encantou e abriu-se para mim uma nova perspectiva. Aquelas histórias de lutas e resistências me impactaram de forma positiva e me fizeram refletir sobre se esse grupo de pessoas com quem eu estava me identificando poderia realmente ser chamado de “minoría”, dada a grandiosidade dos feitos que envolveram as iniciativas por liberdade sexual. A minha curiosidade, então, ganhou um duplo viés: eu não só estava interessada em vivenciar aquela cultura, como também queria me aprofundar nos estudos sobre aquele assunto.

Já há algum tempo eu pensava na possibilidade de realizar um mestrado, mas ainda não havia encontrado um objeto de estudo pelo qual eu realmente me interessasse e nem a motivação necessária para me engajar nessa empreitada.

Porém, quando me peguei lendo Couro Imperial e a história de Hannah Cullwick e Arthur Munby, me lembrei “do desejo” nas palavras da antropóloga e achei o combustível que faltava para começar a escrever o meu projeto de pesquisa e realizar a seleção para o Mestrado em Ciências Sociais.

Entrando em campo

Meu contato com o campo começou antes mesmo de eu ingressar no mestrado. Eu já havia criado conexões, laços de amizade, já tinha contato com uma extensa bibliografia sobre fetiches e sexualidades dissidentes, mas ao mesmo tempo tudo ainda era muito teórico e pouco palpável e eu comecei a sentir falta da experiência empírica.

No campo das ideias, eu já sabia que nas práticas BDSM a posição que eu me identificava era aquela que receberia os estímulos e ações, mas eu ainda não lidava bem com algumas questões como a dor, a restrição de movimentos, sem falar no embate mental que era ser uma mulher feminista que estava descobrindo que seu corpo respondia a estímulos de submissão sexual.

Para mim não havia outro jeito de lidar com todos esses questionamentos sem torná-los factíveis. Para isso, no entanto, eu precisava de uma parceria, eu precisava encontrar uma pessoa com quem eu tivesse afinidade, que tivesse os mesmos gostos que eu e em quem eu pudesse confiar.

A pessoa que eu mais admirava era de longe o Mestre Zeus, porém, ele era uma espécie de influenciador famoso no meio e muito cobiçado por submissas e submissos daquela comunidade, além de ser declaradamente sádico e eu ainda não saber como lidar com isso. Porém, o desejo de desbravar aquele universo falou mais alto e tentei estreitar os laços com ele e deixar claro o meu interesse. De início nossas interações se resumiam a troca de material de estudo e conversas, onde ele esclarecia algumas dúvidas que iam surgindo conforme eu ia lendo o material que ele compartilhava comigo. Mas com o tempo aquela admiração foi dando lugar ao interesse pelo dominador que estava por trás das telas.

Ao “levantar a plaquinha do interesse”, como ele costumava descrever esse momento, começamos a ter conversas mais íntimas para conhecermos os gostos um do outro. Esse período de conversas no qual as pessoas falam sobre seus

gostos e limites é denominado negociação e compreende todos os acordos que farão parte de uma possível relação D/s (relação de dominação e submissão de longo prazo).

Apesar de toda a minha ansiedade, não seria do dia para noite que as coisas iriam acontecer. Nós morávamos a uma distância de mais de 400km um do outro e estávamos no meio de uma pandemia, eu era novata e nós não nos conhecíamos. Logo, passaram-se longos 6 meses desde que eu me deparei com a existência do BDSM até que nosso primeiro encontro acontecesse de fato. A espera acabou sendo útil para que nós criássemos uma conexão que facilitasse a minha primeira experiência.

Durante esse tempo, ele me enviava recomendações de livros, artigos, teses, filmes, séries e, depois que eu os consumia, sempre conversávamos sobre os materiais para alinhar nossos entendimentos. Passei também a ajudá-lo com o conteúdo do seu podcast e tudo isso acrescentava bastante ao meu aporte teórico.

Chegado o dia combinado para nos encontrarmos, eu me desloquei até sua cidade e a espera chegou ao fim, nos encontramos, conversamos, rimos, selamos nossos acordos e demos início a uma relação que marcaria literalmente a minha vida. Tive a primeira sessão BDSM, depois outra e mais muitas outras que incluíram também irmãs de coleira, como são conhecidas as submissas que se relacionam com um mesmo dominador. E aqui eu preciso fazer um parêntese para falar dessa alcunha “irmãs” em um contexto sexual.

A primeira vez que ouvi esse termo sem uma contextualização eu fiquei muito incomodada. Eu estava lendo o diário de uma das submissas do meu dominador que transformou todos os encontros deles em contos e ele os publicou em sua página do Fetlife³. Os contos possuem descrições minuciosas de fatos e sensações vivenciados por Hera. Em um dos contos ela narra:

Ela é uma sereia. Sim. É isso mesmo... uma sereia. De pele clara, longos cabelos ruivos, alta em um corpo escultural, olhos poéticos e lábios carnudos. Essa é a minha irmã e este relato será sobre o dia em que Mestre Zeus, Ariel e eu, nos tornamos um só. [...] Minha irmã usava um lindo vestido preto de cetim e eu saia e cinta-liga. Ela levou uma gargantilha pra mim, assim ficaríamos iguais e sabíamos que ela representava nossa coleira perante o Mestre. [...] Eu terminei de me arrumar primeiro, então Mestre Zeus agarrou meu cabelo e brincou com a minha cabeça, começou a aproximar sua boca da

³ *Fetlife* é uma rede social voltada para o público fetichista, praticantes de BDSM ou qualquer pessoa que se identifique com uma expressão sexual não normativa.

minha e me beijou. Seus dedos foram parar no meio das minhas pernas. Gozei enquanto a minha irmã olhava. Depois Mestre virou pra trás e disse pra mim: “Agora você só olha” e beijou Ariel. [...] Seus dedos também foram parar no meio das suas pernas: “Então você ficou molhada de ver sua irmã gozar?” disse ele à Ariel. E ela gozou enquanto eu apenas olhava. (O DIÁRIO DE HERA).

Esse era o nono conto do Diário de Hera e até ali eu estava extasiada e tomada pelo desejo de vivenciar algo parecido, mas quando naquele conto a minha mente fez a associação do parentesco entre duas irmãs, todas as minhas emoções foram interdidas pelo tabu do incesto. Aquilo era um fator limitante para mim, fazia parte da estrutura cultural acerca do conceito de família que me era muito caro e que eu era incapaz de romper. Foi um momento muito angustiante, porque eu já havia lido a história e meu imaginário já tinha produzido uma imagem daquela cena. Eu fui tomada pelos sentimentos de vergonha e culpa. Eu não queria gostar de um contexto sexual que propagava uma cultura de incesto e estava muito envergonhada por ter cogitado vivenciar algo que incluísse essa conduta. Vergonha e culpa são emoções limitantes e eu em vez de questionar aquela prática, me isolei com esses sentimentos. Precisei de um tempo para processar tudo aquilo até que a curiosidade de terminar de ler a história foi maior. Quando li o último conto e apareceu uma nova figura feminina sendo chamada de irmã foi quando eu entendi que não se tratava de uma relação consanguínea, mas que poderia ser uma metáfora.

Somente quando estava já escrevendo a minha dissertação que pude refletir e entender o contexto em que aquela relação de parentesco era evocada. Ao utilizar a expressão “irmãs de coleira” aquela comunidade buscava uma forma de fazer com que as relações entre as mulheres que dividiam um mesmo parceiro fossem mais amigáveis. Eu não consegui chegar no lugar onde se originou este termo, mas conversando com praticantes de outros países, vi que esse é um termo pouco comum no exterior, até porque os estrangeiros não entendem a relação D/s da mesma forma como foi concebida aqui. A D/s no exterior está mais para um modelo em que há *play partners* fixos, mas não inclui necessariamente a ideia de uma pessoa ser posse de outra, o que no contexto internacional era conhecido como relação Master x slave (mestre x escravo) e era algo mais raro. Aqui, a comunidade brasileira adota este termo justamente para criar essa ligação de parceria e irmandade, onde duas ou mais mulheres estariam engajadas e unidas para

proporcionar prazer a um dominador (homem).

Esse é um dos muitos contextos em que esbarrei com questões de gênero no BDSM, pois não existe o termo “irmãos de coleira”. Também não conheci nenhuma dominadora que tivesse dois ou mais submissos que se relacionavam juntos e que poderiam ter uma relação parecida da que se esperava entre as mulheres submissas. Nessa época, o meu dominador se relacionava com outras submissas além de mim. Eu não tive contato com todas, pois nem todas tinham o mesmo acordo com ele e algumas não queriam ter contato com outras submissas. Embora eu nunca tivesse experienciado um relacionamento não-monogâmico, eu estava disposta a viver o pacote completo, eu queria experimentar tudo que eu pudesse, ainda que depois eu descobrisse que certas coisas não me apetiessem.

Algum tempo depois de iniciada nossa relação, meu dominador propôs fazermos o registro fotográfico de uma de nossas sessões, o que eu prontamente consenti, pois adoro ter recordações visuais dos momentos que vivi. Mestre Zeus é fotógrafo, então, fizemos belíssimas fotos que de comum acordo foram parar nas nossas redes sociais fetichistas, fato este que fez com que nossa relação se tornasse pública para a comunidade BDSM.

Não demorou muito para que eu recebesse uma enxurrada de solicitações de amizade no Instagram. Todos queriam conhecer a submissa que estampava o feed do Mestre Zeus e assim comecei a me tornar conhecida nesse meio. Um tempo depois fizemos mais um ensaio fotográfico, dessa vez incluindo uma das minhas irmãs de coleira e o fato de eu ter uma boa relação com ela era motivo de admiração tanto por parte dos dominadores quanto das submissas, uma vez que o esperado é a rivalidade feminina. Convencionou-se no BDSM que aos dominadores e dominadoras permite-se ter quantas submissas ou submissos lhe convier, enquanto as submissas e submissos só poderiam ter um “Dono”. A relação não-monogâmica ali não era uma via de mão dupla, mas um instrumento de poder. Embora uma corrente de novos adeptos às práticas BDSM tentassem inserir um discurso mais libertário onde a regra deveria estar baseada nos acordos individuais e não em estatutos dados, essa hierarquia entre dominadores e submissos estava muito enraizada.

Além da sessão de fotos que despertou o interesse das pessoas, fui convidada a participar de um ciclo de bate-papos que ocorria de forma quinzenal através da plataforma Zoom como palestrante e dividir com outras submissas e submissos

minhas experiências e o que eu já havia aprendido durante esses 6 meses em que eu estava em uma relação D/s e quase 1 ano dentro daquela comunidade. O evento tinha cunho educacional, com o objetivo de informar e conscientizar os praticantes sobre os riscos envolvidos nas práticas, bem como ensinar as bases e protocolos que faziam parte do BDSM. O evento era destinado apenas a praticantes na posição de submissão, e acontecia geralmente às segundas-feiras, chegando a reunir cerca de 100 participantes no debate dos mais variados temas, desde elementos que não podem faltar em uma negociação até cuidados físicos e psicológicos pós-práticas.

Isso tudo fez com que eu passasse a receber muitas mensagens, algumas vezes com elogios e outras vezes com muitas dúvidas e foi então que eu percebi que havia muitas páginas educacionais sobre BDSM com a voz de dominadores e dominadoras, mas não havia nada produzido por submissos e/ou submissas e que gerasse um material que pudesse ficar registrado para consulta posterior. Então, surgiu a ideia de criar um espaço na internet para compartilhar todas as minhas experiências como novata desde o momento em que descobri essa nova expressão da sexualidade, expondo todas as minhas vulnerabilidades, erros e acertos para que outras pessoas pudessem identificar-se e sentirem-se acolhidas em suas inseguranças, além de conscientizar sobre cuidados necessários que os indivíduos que se submetem a essas práticas devem sempre estar atentos.

O projeto teve grande aceitação e eu passei a registrar tudo que eu vivenciava na prática e também a explicar de forma didática, tudo o que eu estava estudando sobre a temática do BDSM. Além disso, convidava alguns outros submissos e submissas a contarem um pouco de suas experiências através de textos disponibilizados publicamente primeiro no Medium do projeto e mais tarde no famoso e maior site de conteúdo fetichista, BDSM e *Leather*⁴ do Brasil.

Do campo digital ao campo presencial

A primeira vez na vida que fui a campo eu ainda estava na graduação de Letras e deveria buscar escolas para “observar” aulas de diferentes professores e

⁴ O movimento *Leather* faz parte de uma contracultura nascida entre os anos 1950 e 1960 com a proposta de romper com os modelos sociais e com comportamentos vigentes até então. Através de uma estética baseada em roupas e acessórios de couro, a comunidade buscava estabelecer novos paradigmas sociais e aceitação de minorias pela sociedade conservadora da época.

disciplinas e fazer anotações sobre o que eu estava observando. Ali eu aprendi a metodologia de pesquisa que eu definitivamente não gostaria de aplicar. Os professores sentiam-se acuados com a presença dos graduandos, porque sabiam que estavam sendo analisados, que suas aulas e sua forma de transmitir conhecimento poderiam ser julgadas no ambiente universitário, temiam pelos seus empregos e, definitivamente, não agiam da forma como dão aula no seu cotidiano. Os alunos, por sua vez, também não eram os mesmos, afinal havia ali uma “novidade” e isso tirava a atenção deles. Então, essa foi uma experiência que eu não gostaria de repetir.

A experiência no Mestrado estava sendo completamente diferente porque eu já estava inserida no Campo de Pesquisa e isso foi um grande motivador para mim. Eu não era uma *outsider* coletando informações, mas estava fazendo parte do tema que eu havia me proposto a estudar e sentindo na pele as emoções propiciadas pelas dinâmicas BDSM.

O meu campo de pesquisa incluiu as baladas fetichistas, festas temáticas, as minhas próprias sessões BDSM e todas as interações online através das plataformas Whatsapp, Instagram e Fetlife. Mas quando estava em Campo, seja nas festas em contato com outros fetichistas ou experienciando minhas próprias práticas, eu me permitia vivenciar todas as experiências sem pensar no rigor acadêmico. Após essas vivências em Campo, eu passava por um período de processamento do que eu tinha visto ou experimentado e colocava em textos todas essas sensações. Eu não precisava anotar nada na hora, porque a pesquisa também estava sendo escrita no meu corpo e quando eu conversava com alguém, eu não estava só coletando dados, mas trocando experiências e criando dados. Ali eu já estava produzindo uma autoetnografia, mas só fui entender isso quando minha orientadora chamou minha atenção e sugeriu a leitura de textos sobre essa metodologia de pesquisa.

Uma das pesquisadoras mais importantes e responsável pelo reconhecimento da autoetnografia como gênero de pesquisa, Carolyn Ellis, define assim uma autoetnografia:

Autoetnografia é uma abordagem de pesquisa e escrita que procura descrever e analisar sistematicamente (grafia) a experiência pessoal (auto) para entender a experiência cultural (etno) (ELLIS, 2004; HOLMAN JONES, 2005). Essa abordagem desafia as formas canônicas de fazer pesquisa e representar os outros (SPRY, 2001) e trata a pesquisa como

um ato político, socialmente justo e socialmente consciente (ADAMS & HOLMAN JONES, 2008). Um pesquisador usa princípios de autobiografia e etnografia para fazer e escrever autoetnografia. Assim, como método, a autoetnografia é tanto processo quanto produto (ELLIS, ADAMS & BOCHNER, 2011, p.1, tradução minha).

Dessa forma, fizemos a opção pela autoetnografia como forma de compreender uma experiência cultural eivada de emoções corporificadas a partir de uma experiência individual e pessoal. Gama, ao descrever o processo autoetnográfico, afirma que “Não tratamos de “dados”, mas de “experiências”. São pesquisas altamente corporificadas, reflexivas e emotivas – qualidades muitas vezes criticadas ou ignoradas nas pesquisas qualitativas, mesmo antropológicas – e por isso transgressoras, indisciplinadas, políticas” (GAMA, 2020, p.4).

Assim, eu conseguia através de conversas corriqueiras entender o que meu interlocutor contava, porque partilhávamos das mesmas emoções corporificadas. O fato de eu estar ali como uma *insider* fazia com que eu fosse vista como uma igual e não como uma estrangeira curiosa. Mesmo quando eu tornei pública a informação de que eu havia ingressado no Mestrado e iria estudar a comunidade BDSM, eu não passei a ser vista como etnógrafa em campo, porque para “eles” eu já era “um deles”. Logo, esse lugar privilegiado me dava acesso a confissões, desabafo e relatos íntimos, que juntamente com experiências pessoais formaram o escopo desta pesquisa.

No meio BDSM, os entendimentos e interpretações acerca de conceitos, da história e dos protocolos são bastante plurais e eu não precisava necessariamente concordar com todas as visões das pessoas com quem eu conversava, embora tenha havido momentos de frustração e desencantamento. Mas como diz Favret-Saada, esse foi um risco que eu assumi quando me permiti “ser afetada”:

[...] quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. (FAVRET-SAADA, 2005, p.6).

Em uma das minhas primeiras aulas do Mestrado, um professor já havia me alertado que a relação com a diferença está no cerne do fazer antropológico e ele dizia “Antropologia é o conhecimento do outro”. Estava dado o meu primeiro desafio enquanto etnógrafa e *insider*: conhecer o “outro” através da relação com a diferença,

arriscando-me a confrontar certezas, deparar-me com algumas frustrações e conhecer novas possibilidades de olhar para um objeto de pesquisa.

Estrutura da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva autoetnográfica, utilizando bases teóricas, pesquisa de campo e métodos qualitativos, durante o período compreendido entre março de 2020 e dezembro de 2022. Sendo assim, fazem parte do escopo deste trabalho o diálogo com a bibliografia referente ao tema das sexualidades dissidentes e da antropologia das emoções; os diários de campo, que contemplam as interações realizadas em espaços de sociabilidade presenciais e digitais, como festas públicas e privadas, eventos, encontros e grupos de discussão online; diário pessoal, com o registro das experiências e sensações experimentadas; e observação e coleta de relatos a partir de entrevistas abertas e não-estruturadas.

O trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo busquei contextualizar histórica e culturalmente o estudo das sexualidades, das políticas do corpo e dos movimentos de contracultura sexual. Foi realizada uma revisão bibliográfica, abordando estudos sobre sexualidade desde o entendimento do fetichismo como comportamento primitivo até a despatologização de práticas sexuais dissidentes. Além disso, este capítulo também contempla como se deu o desenvolvimento do termo BDSM e seu conceito, tal qual conhecemos hoje.

No segundo capítulo, as seções foram divididas a partir das observações e interações no campo e contemplam em detalhes os diários de campo com o registro de festas presenciais e online, descrição dos espaços de sociabilidade, observação de práticas fetichistas, além de impressões, encantamentos e frustrações acerca da descoberta de uma nova expressão de sexualidade.

Já no terceiro capítulo busquei entender como ocorre a construção de emoções e a busca de uma identidade tanto do ponto de vista autoetnográfico quanto das alteridades. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os estudos em antropologia das emoções, o que possibilitou a análise das categorias emocionais que emergem das relações de dominação e submissão adotadas entre

praticantes de BDSM.

Por fim, nas considerações finais, sem nenhuma pretensão de concluir ou esgotar as discussões sobre o tema, busquei mostrar as questões acerca de moralidades que estão imbricadas nos discursos e nas práticas e que orientam a construção de emoções e identidades, além de apontamentos sobre as questões de gênero que foram suscitadas por essa pesquisa.

1 CONTEXTUALIZANDO SEXUALIDADES DISSIDENTES

O sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss em seus estudos sobre técnicas corporais aborda como os indivíduos se utilizam de seus corpos de maneira tradicional, o que varia de sociedade para sociedade. Assim, apesar de Marcel Mauss falar sobre a técnica corporal como ato tradicional eficaz, ele destaca que a tradição não é algo imutável, mas ao contrário vai sofrendo transformações juntamente com a evolução das sociedades:

[...] assisti à transformação das técnicas de natação ainda durante o desenrolar de nossa geração. [...] Outrora, ensinavam-nos a mergulhar, ensinavam-nos a fechar os olhos, depois abri-los na água. Hoje em dia a técnica é inversa. (MAUSS, 1974, p. 212)

Cometemos, e cometi durante muitos anos, o erro fundamental de só considerar que há técnica quando há instrumento. Cumpria voltar a noções antigas, aos dados platônicos sobre a técnica, como Platão falava de uma técnica da música e, em particular, da dança, e estender esta noção. Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. (MAUSS, 1974, p. 217)

Então, apesar de nossas primeiras noções acerca do sexo ocorrer através de uma “imitação prestigiosa” (como mostrado nos filmes, novelas e revistas eróticas), ou seja, da forma como é reconhecida e validada socialmente, com o passar do tempo e com o desenvolvimento das sociedades, alguns entendimentos sofrem transformações. Assim, a noção de sexo que antes estava diretamente ligada à procriação e compreendia a penetração de genitais, hoje já é vista de forma mais abrangente, incluindo beijos, carícias, sexo oral e, no caso dos fetichistas, adoração de partes do corpo não normativamente erotizadas como pés e mãos, além de práticas que erotizam o poder e a dor.

Michel Foucault, em *A História da Sexualidade*, questiona o pressuposto da repressão sexual imposta por uma sociedade que se desenvolveu sob a ótica dos valores cristãos com foco no casamento. Aqueles que ousavam desafiar o poder e os dogmas instituídos pela igreja “carregaram sucessivamente o estigma da loucura moral, da neurose genital, da aberração do sentido genésico, da degenerescência ou do desequilíbrio psíquico” (FOUCAULT, 1999, p.41). Nesse contexto, o autor defende que a economia dos discursos sobre o sexo, seja de repressão ou de

liberação, transforma o sexo em algo supervalorizado onde estaria a verdade do ser, e aí está o poder que o envolve. Assim, Foucault chega à conclusão de que o problema não está na repressão como se acredita e se reproduz a ideia “do quanto somos reprimidos sexualmente”, mas que o problema são as normas e os discursos competindo para determinar como a sexualidade deveria ser, construindo verdades sobre o sexo na tentativa de entender e encaixar o dispositivo da sexualidade dentro de uma normalidade que seja socialmente aceita.

Foucault também é responsável pela noção de heterotopia como o espaço do outro que foi esquecido pela cultura ocidental em nome de uma heterogeneidade e normatização que afastou o diferente. Assim, as heterotopias vão se constituir em espaços reais, mas que, por essa característica da diferença, não são lugares aceitos. As sexualidades dissidentes, portanto, se constituirão em heterotopias do desvio, uma vez que representam comportamentos fora do padrão aceito pela sociedade:

[...] isto significa que os lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que as rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida. (FOUCAULT, 2013, p.22).

Complementando o conceito de heterotopia de Foucault, Preciado através da popularização de revistas de conteúdo erótico desenvolve o conceito de pornotopias, como utopias sexuais portáteis, onde o espaço erótico pode ser transportado para qualquer lugar: “A playboy se transformaria na primeira pornotopia da era da comunicação de massas”. (PRECIADO, 2020, p.13).

Preciado observa como essas revistas moldaram o imaginário sexual dos homens, criando um ideal de masculinidade e reivindicando uma alternativa ao ideal de homem do período pós-guerras pautado no papel de soldado, como um homem de família rígido e disciplinado:

Interceptando a prática tradicional da leitura, a Playboy construía não só um novo consumidor masculino urbano como também desenhava um novo tipo de afeto, de desejo e prática sexual, diferente daquele que dominava a ética do “breadwinner”: o trabalhador decente e bom marido branco e heterossexual promovido pelo discurso governamental estadunidense depois da Segunda Guerra Mundial (PRECIADO, 2020, p.27).

1.1 Do fetichismo ao movimento de contracultura sexual

Muitos foram os estudos desenvolvidos acerca de sexualidades dissidentes e também sobre o fetichismo. Conforme aponta Vladimir Safatle em seus estudos sobre fetichismo, o termo fetichismo foi utilizado pela primeira vez em 1756 pelo filósofo francês Charles de Brosses para descrever o culto religioso a objetos inanimados como deuses. Para De Brosses e seu pensamento eurocêntrico, as sociedades fetichistas não teriam conseguido se desenvolver, tendo mantido características de povos primitivos. De Brosses acreditava que assim como as crianças criam laços de afeto com brinquedos tornando-os sagrados, os povos africanos relacionavam-se com objetos de forma infantil, o que o levou a crer que o adulto africano possuía uma mentalidade primitiva. Outros estudos sobre fetichismo se seguiram passando pelo psicólogo francês Alfred Binet e o psiquiatra Richard Von Krafft-Ebing, com seu estudo denominado *Psychopathia Sexualis*, que sempre culminavam na patologização de comportamentos sexuais que fugiam do padrão centrado na procriação aos moldes cristãos.

Apenas em 1947 um novo viés começa a ser dado aos estudos acerca da sexualidade. O biólogo e sexólogo americano Alfred Kinsey funda o Instituto Kinsey para Pesquisa do Sexo, Gênero e Reprodução - o Kinsey Institute). Os Estudos de Kinsey apontaram que 11% da humanidade é detentora de uma sexualidade que foge ao padrão convencional e essa conclusão foi muito importante para a liberação sexual iniciada na década de 60.

Para Kinsey, os comportamentos que não estão alinhados com o padrão estabelecido nada possuem de anormal, pois na visão do biólogo aquilo que é entendido como padrão não passa de uma construção social que inibe a verdadeira natureza dos indivíduos. Um bom exemplo do fetichismo e da sexualidade não convencional que rompe com os padrões sociais pode ser encontrada no texto do escritor e professor Michael Bronski "A Dream is a Wish Your Heart Makes: Notes on the Materialization of Sexual Fantasy" (Um sonho é um desejo do seu coração: notas sobre a materialização de fantasias sexuais):

Lá eu estava, como se acordasse de um sonho. De botas pretas de construção, uma jockstrap úmida, jaqueta preta de couro molhada de suor e o equivalente a horas de outros tipos de fluídos acumulados. Um cinto enrolado em minha mão. De repente, meu ar travou na garganta (na

verdade, soou mais como um respiro) enquanto eu deparava com meu reflexo no espelho, através das lentes escuras e brilhantes dos meus óculos de sol. Por um segundo, eu não soube quem era. Assim como Narciso capturado por seu próprio reflexo, eu estava apaixonado, melhor dizendo, em lascívia, com o homem olhando em meus olhos. [...] como essa imagem de mim saiu de dentro da minha cabeça (onde suspeito que já estava há muito tempo) e se materializou no mundo real? [...] Geralmente, somos ensinados a tomar as rédeas de nossas fantasias sexuais; devemos dominá-las porque elas podem fugir de nosso controle. Eles podem, de fato, se tornar realidade. [...] O choque de ver aquele homem no espelho foi o choque do autorreconhecimento. Era o homem dos meus sonhos de infância — o homem esquivo, misterioso, ligeiramente perigoso, porém amoroso, que eu desejava, mas que me sentia inalcançável. (BRONSKI, 2004).

Através do texto de Bronski, percebemos aquilo que Kinsey fala sobre uma natureza inibida no homem pela sociedade. Quando enfim se viu paramentado com objetos do seu fetiche, ele enxergou aquilo que ele sabia estar lá desde pequeno. Além de Kinsey, outros estudiosos do comportamento sexual humano empenharam seus esforços para a compreensão do universo fetichista como Masters & Johnson e Shere Hite.

Segundo a historiadora Anne O. Nomis (2013, p.29), as práticas eróticas contendo dominação e submissão e usando a dor como estímulo têm seu registro mais antigo na mitologia suméria, em que a Deusa Inanna seria o arquétipo de uma dominadora que flagelava seus submissos para obter prazer. Para a autora, esses rituais eróticos acabaram ficando marginalizados com a instituição das religiões que sufocaram a figura feminina como um símbolo de poder, colocando o homem como representante maior das instituições, relegando à mulher um papel de total passividade. Na modernidade, porém, o sadomasoquismo reaparece nas artes e literatura na Europa, mas sempre como parte de uma cultura subalternizada, praticada por pessoas mentalmente doentes e/ou perversas.

Porém, a partir dos anos 1980, o BDSM enquanto movimento político nasce da necessidade de seus praticantes construírem um movimento de contracultura sexual com o intuito de que suas práticas deixassem de ser vistas como patologias e mostrar que suas dinâmicas eram realizadas de forma consensual e responsável. O movimento ganha força nos Estados Unidos, a partir de 1987, quando na Marcha Nacional de Washington pelos Direitos de Gays e Lésbicas, grupos de ativistas *Leather* e de feministas lésbicas unem-se para protestar utilizando o slogan “Sane, Safe and Consensual” (São, Seguro e Consensual), que hoje é utilizado por muitos adeptos como base ética para pautar suas dinâmicas.

No entanto, o termo BDSM tal qual é entendido hoje, segundo o site medium.com/bdsm.ed, tem seu primeiro registro em 1987 a partir de uma entrevista de Fakir Musafar (um artista performático americano considerado um dos fundadores do movimento primitivo moderno) publicada no livro *Apocalypse Culture* em que ele fala sobre masoquismo:

Ambrosia e Lanz: Você considera “masoquista” um termo negativo? É um termo válido?

Fakir Musafar: Para mim, é um termo positivo, apesar de ser visto com negatividade por nossa sociedade. É enganoso de certa forma. Há dois lados dessa coisa: nessa cultura, existe um masoquismo negativo. Você consegue identificar essas pessoas pelos termos que elas utilizam para se referirem a si mesmas. Existe três diferentes termos: existe S&M, B&D e D&S. Em S&M, as pessoas procuram algo físico, uma troca de poder expressa fisicamente. Você literalmente amarra alguém, usa correntes e chicotes. Há algo físico envolvido. B&D é quase sempre território heterossexual. É uma área nebulosa, alguns procuram algo físico, outros não. Mas tem um monte de provocação e tormentas mentais. Aí você chega na dominação e na submissão, e esse grupo é quase que completamente emocional, a fim de abuso verbal e humilhação. Enquanto entre os praticantes pesados de S&M, há pouca humilhação envolvida. Tudo pode ser apenas físico. O que pontuo é que para todos esses grupos, exceto para os S&M, não parece ser o que eles estão realmente fazendo. O que eu pratico é religioso e pertence a outras culturas. E acontece que estou praticando em uma cultura que não sabe que isso existe tem definição nenhuma para isso. No entanto, muitas pessoas deixam que isso chamem suas atenções como uma forma de arte. O que eu faço, eu chamo de “prática de corpo” porque você está usando o corpo para chegar em outro estado.” (APOCALYPSE CULTURE, p. 107, tradução Margot).

Apesar desse registro, ainda segundo o site medium.com/bdsm-ed, o termo BDSM só passa a ser popularizado a partir de 1991, quando usuários de um fórum de discussão da internet chamado alt.sex.bondage começam a usá-lo para referir-se a um conjunto de práticas sexuais e o acrônimo acaba se internacionalizando.

1.2 Do SM ao BDSM

Quando comecei as minhas pesquisas sobre BDSM, ainda bem leiga, tive muita dificuldade em encontrar uma bibliografia acerca do tema em português. No entanto, a internet estava cheia de material sem referências bibliográficas, mas que tentavam dar conta do assunto da forma mais didática possível. Tratava-se, como bem afirmou, Bruno Zilli, do formato “Manual”, que no discurso nativo é entendido como material informativo ou educacional.

Estes textos constituem um esforço de membros da própria comunidade em legitimar seus discursos sob a égide do consentimento:

Como o modelo “Manual” é sucinto e organizado em tópicos, ele oferece um panorama das questões importantes para o discurso BDSM, sintetizando os temas mais pertinentes debatidos por seus praticantes e condensando-os nestes textos. [...] De fato, a proposta do formato “Manual” é estar à frente como um dos primeiros contatos de curiosos com o BDSM. Este tipo de texto tem como objetivos servir de ferramenta de esclarecimento e dar munição para que seja possível que um praticante defenda suas preferências (ZILLI, 2018).

A pesquisa de Zilli nos mostra que muitos desses textos eram traduções de textos americanos organizados em páginas da internet pelos próprios praticantes, como foi o caso do blog “Desejo Secreto” que inclusive compilou e traduziu a seção de perguntas e respostas do fórum de discussão “alt.sex.bondage”, de onde teria surgido pela primeira vez o acrônimo BDSM juntando aquilo que antes era conhecido como SM ou sadomasoquismo e outras práticas dissidentes em um mesmo grupo de jogos eróticos.

Assim, o SM ganha mais duas letras e BDSM passa a ser entendido como um termo guarda-chuva para práticas sexuais que fogem ao padrão normativo. Isso acontece porque nas décadas de 20 até 50, os adeptos de práticas não convencionais, como o homossexualismo (sic), fetichismo, sadismo e masoquismo, começaram a aumentar. Então, grupos lésbicos e gays criam um movimento para dizer ao mundo que ser heterossexual não era a única forma de expressão de desejos sexuais. Logo essas pessoas viram a necessidade de se apoiar umas nas outras iniciando um movimento político e social no intuito de serem ouvidas e dizer para a sociedade que elas não eram doentes por terem prazeres sexuais diferentes.

Dessa forma, tanto o grupo LGBT, quanto os praticantes de sadomasoquismo ou SM passaram a frequentar os mesmos bares e clubes e o número de adeptos seguia aumentando. Surgiram revistas falando acerca do tema, com destaque para a revista *Bizarre* com conteúdo voltado para práticas de bondage e fetichismo, e o lançamento de um livro que é considerado um marco na história do BDSM. Trata-se do livro *História de O*, lançado em 1954 e escrito pela francesa Anne Cécille Desclos sob o pseudônimo de Pauline Réage. O livro de Pauline foi responsável por fornecer muitos dos conceitos que ainda se usam hoje nas práticas de BDSM.

Em 1971, nasceu, em Nova York, o primeiro grupo com o intuito de apoiar os

adeptos de práticas fetichistas chamado The Eulenspiegel Society (TES). Depois outros grupos com intuito tanto de apoiar, quanto de educar os adeptos de práticas fetichistas foram surgindo, como a Society of Janus (1976) e a SAMOIS (1978).

Junto a esse mar de novos praticantes, no entanto, a partir de 1980 a AIDS começou a se espalhar na comunidade gay, fazendo-se necessárias medidas de conscientização dos praticantes. Em Chicago, o Hellfire Club, primeiro clube voltado para o público gay SM virou o ponto de encontro do GMSMA (Gay Male SM Activists / Ativistas SM de Gay Masculino) e lá o GMSMA promovia discussões sobre segurança e consensualidade para os frequentadores do Chicago Hellfire Club. Foi a partir dessas discussões que o conceito *Safe, sane and Consensual* (Seguro, saudável e consensual) foi forjado, sendo hoje usado como uma das bases para a prática do BDSM.

A comunidade gay e *leather* foi responsável por muito dessa luta por pertencimento e reconhecimento e durante a Marcha de Washington pelos Direitos dos Gays e Lésbicas pelo S/M-Leather-Fetish esse conceito do SSC foi viralizado. Assim, o GMSMA com o intuito de passar a mensagem de que ser gay e praticante de SM não era o mesmo que ser soropositivo, conseguiu levar seu lema antes restrito à comunidade para o mundo.

Portanto, muito mais do que um acrônimo para descrever os pares BD, de bondage e disciplina; DS, de dominação e submissão; e SM, de sadismo e masoquismo, o BDSM é visto e propagado por seus membros como um movimento de contracultura sexual que surgiu como forma de expressar desejos sexuais diferentes do que se considerava “normal” ou convencional para a época.

Com o avanço tecnológico e surgimento de novas plataformas na internet, o que ficava restrito a grupos de discussão, ganha páginas em redes sociais como Instagram e Twiter, e vira tema de podcasts, como uma atualização ao que antes era feito nos textos “Manuais”, mas mantendo o intuito informacional em busca de legitimação.

Para além dessas publicações na internet, não encontrei nenhuma bibliografia nacional que se proponha a ser um guia sobre o BDSM como é o livro *SM101: a realistic introduction*, escrito por Jay Wiseman. Nele, o autor descreve detalhadamente termos, definições, práticas e comportamentos que observou desde 1975 quando se tornou parte da comunidade SM da Bay Area em São

Francisco, EUA. No tópico intitulado “O que é SM?”, Wiseman destaca:

Eu defino SM como o uso consciente do domínio psicológico e da submissão, e/ou servidão física, e/ou dor, e/ou práticas relacionadas de maneira segura, legal e consensual para que os participantes experimentem excitação erótica e/ou crescimento. Um limite rígido amplamente aceito pelo SM é de que o dominante não fará nada ao submisso (e, da mesma forma, o submisso não fará nada ao dominante) que exija um médico, psicoterapeuta ou outro recurso externo. Como o SM varia amplamente em forma e intensidade, as pessoas usam vários termos para descrevê-lo. Bondage e Disciplina (B&D) referem-se ao dominante restringir o submisso de alguma forma, e/ou treiná-lo para se comportar de certas maneiras. No entanto, refere-se mais comumente ao SM “mais leve”, e não ao sadomasoquismo mais “extremo”. Infelizmente, não existe uma opinião uniforme sobre onde está a linha entre os dois. Outro termo às vezes usado é D&S ou DS, referindo-se à Dominação e Submissão. Esse é mais óbvio. SDS foi proposto para Dominação e Submissão Sexual e é realmente muito bom, mas SDS tem implicações políticas infelizes. Um novo termo descritivo geral que está ganhando popularidade rapidamente é “BDSM”, que incorpora Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão e Sadismo e Masoquismo (WISEMAN, 1998, p.10, tradução minha).

Outros livros que se propuseram a ser um guia para praticantes de BDSM foram: *The Lesbian SM Safety Manual*, uma compilação de textos de vários autores editado por Pat Califia; *Screw the Roses, Send Me the Thorns*, de autoria de Philip Miller e Molly Devon, *The Leathermans Handbook II*, escrito por Larry Townsend e *The New Bottoming Book* e *The New Topping Book*, das autoras Dossie Easton e Janet Hardy.

Portanto, o acesso à informação para quem não tem conhecimento da língua inglesa fica limitado àquilo que os próprios praticantes propagam no meio e sujeito às mais diferentes interpretações. Nesse sentido, reconheço o meu lugar de privilégio por poder acessar um vasto material que me permitiu contrastar os manuais, as teses acadêmicas e o que de fato acontecia na prática. Assim, de posse de todo esse arcabouço teórico, me senti segura para seguir para a parte empírica que abordarei no próximo capítulo.

2 TECENDO CONEXÕES

Neste capítulo selecionei algumas páginas do meu diário de campo com as minhas primeiras incursões e impressões sobre o meio BDSM nos lugares que visitei e nas interações que fiz para mostrar como as conexões foram sendo tecidas durante esta pesquisa.

O objetivo deste capítulo é trazer essas observações para contextualizar a minha entrada em campo primeiro como uma *insider* e depois como pesquisadora, bem como a forma singular pela qual eu fui acessando o campo e os meus interlocutores, o que acredito que seria bastante diferente se a pesquisa fosse inteiramente baseada em uma observação participante e relato de sujeitos de pesquisa.

Portanto, ao longo das descrições mesclam-se minhas percepções iniciais, encantamentos e frustrações, registradas na época em que comecei a conhecer o meio BDSM e as reflexões que essa pesquisa suscitou e que pude analisar posteriormente enquanto etnógrafa *insider*.

2.1 Castelo de Thor

Como mencionado anteriormente, o “Castelo de Thor” foi o meu primeiro contato com praticantes de BDSM. Tudo acontecia por meio digital: após pagar uma mensalidade as pessoas são adicionadas a um grupo no Whatsapp e aceitas na página fechada do Instagram que é específica para membros. No grupo do Whatsapp havia pessoas de vários estados do país, além de ser um grupo misto, tanto no que diz respeito ao gênero, quanto aos papéis nas dinâmicas BDSM (dominadores e submissos).

O contexto pandêmico propiciou essas trocas de forma remota, uma vez que estávamos todos em isolamento social, então as conversas ocorriam durante o dia todo. Às vezes os administradores do grupo lançavam alguma questão polêmica para engajar o grupo em debates, mas na maioria das vezes eram os próprios participantes que enviavam uma dúvida que gerava horas de mensagens.

Dentre os muitos assuntos discutidos estavam “como deve se portar uma submissa”, “qual o papel da submissa e qual o papel do dominador”, “como deve

ser uma relação BDSM”, “diferenças entre a ‘real dinâmica BDSM’ e o ‘baunilha⁵ apimentado””, dentre uma gama de discursos do que é certo ou errado, aceito ou inaceitável, do que pode e do que não pode fazer parte daquele universo e dos comportamentos das pessoas.

Foi nesse contexto também que ouvi pela primeira vez sobre a interdição das emoções. Primeiro, no que tange aos afetos, era dito que BDSM não era sobre relações de amor, que as pessoas se engajavam naquelas dinâmicas em busca de um prazer que lhes era negado no âmbito das suas relações normativas. No entanto, também afirmavam que BDSM não era sobre sexo, no sentido de coito, uma vez que não era mandatório que houvesse a penetração de genitais nas práticas eróticas. Então, afinal sobre o que era o BDSM?

Muitos dos discursos que ouvi defendiam a ideia de que BDSM era sobre “um estilo de vida”, outros de que era sobre poder, e, na grande maioria das vezes, esse discurso era proferido por homens cis que se colocavam no papel de dominador nas práticas. E aqui surgiram os meus primeiros incômodos e embates entre o que eu esperava viver e o que eu estava conhecendo.

Os sinais de que aquele grupo de pessoas que estavam unidas porque de alguma forma acreditavam que não se encaixavam na normatividade, na verdade, não passava de um reflexo de uma sociedade patriarcal estavam dados. Não era um meio totalmente disruptivo, ao contrário, tinha as mesmas bases da sociedade patriarcal que eu conhecia, mas eu não estava preparada para lidar com essa frustração antes mesmo de ter minhas próprias experiências.

Eu estava imbuída de uma força transgressora que queria deixar pra trás uma série de padrões de conduta moral e gritar ao mundo que todos poderiam ser livres para viver suas fantasias e expressar sua sexualidade e, inconscientemente (ou não), optei por ignorar que todo aquele discurso travestido de boas intenções pela manutenção da segurança era mais uma forma de nos encaixar em classificações limitantes, parciais, rasas.

Junto com as discussões dos temas, os administradores mostravam o dia a dia da relação entre um dominador e uma submissa, a forma como Amor cumprimentava o seu dono, Mestre Thor, quando chegava a sua casa, beijando

⁵ Baunilha é o termo utilizado pelos adeptos de práticas BDSM para referir-se a quem não faz parte do meio, sendo este uma alusão ao sabor de um sorvete “sem graça” ou a um sabor comum.

seus pés quando ele abria a porta pra ela, as comidas que Amor preparava para ele, as massagens nos pés de seu dominador e foi assim também que, através de uma live, eu assisti pela primeira vez uma sessão BDSM.

Amor fora colocada sob a mesa da sala com suas mãos e pernas presas por correntes e sua boca sendo tapada por uma *ball gag*⁶. O clima entre eles era descontraído e bastante sensual. Amor tinha um ar adolescente e um rosto angelical, que apesar de não ser uma menina contrastava com a figura já mais velha de Mestre Thor com sua postura dominante. Ele, então, levantou a saia de Amor e começou a desferir alguns tapas com as mãos em sua bunda.

Figura 1 – *Ball Gag*



Fonte: Google Imagens

A câmera estava fixa em algum lugar que permitia que os telespectadores vissem o quadro inteiro, logo não se movimentava ou focava em partes íntimas como aconteceria em um filme pornô. Em nenhum momento havia nudez ou fora exibida uma cena de coito. Após a primeira sequência de tapas vieram os golpes com um *flogger*⁷ e começou a ficar mais intenso.

Figura 2 – *Flogger*



Fonte: Google Imagens

⁶ *Ball gag* é uma mordança em forma de bola utilizada nas práticas de bondage para restringir a fala e os sons da pessoa que está se submetendo às práticas fetichistas.

⁷ *Floggers* são sex toys usados em jogos de impacto. É composto por um punho e várias tiras que podem ser feitas de couro, material sintético, borracha ou metal.

Como já estava acompanhando a rotina deles há algum tempo, ficou claro que o que estava acontecendo era consensual, mas era possível ver as expressões de dor no rosto de Amor e fiquei muito desconfortável, queria resgatar Amor daquelas correntes, livrá-la do suplício e torcia para aquilo acabar como se ela estivesse sendo torturada à força. Terminada a cena, ele soltou Amor, que estava visivelmente em *subspace* com um semblante de raiva, e desligou a câmera para fazer o *aftercare* necessário para que ela retomasse sua consciência e ficasse bem. *Subspace* ou *bottom space*, segundo Jay Wiseman, são um estado mental e psicológico que uma pessoa assume quando está na posição de submissão. Para o autor, trata-se de um estado de concentração do submisso para vivenciar suas práticas, assim como ocorre com o *Top space* que seria também esse estado de concentração do dominador.

No entanto, faz parte do senso comum na comunidade BDSM associar esse *head space* com um estado alterado de consciência parecido com um transe hipnótico, onde devido a uma reação hormonal do corpo humano seria possível chegar a um estado mental onde se perde a noção tempo-espaço e a dor cessa e/ou torna-se extremamente prazerosa. Sendo assim, o *subspace* é visto como um estado de alerta e perigo dentro das práticas BDSM, pois é um momento em que a pessoa não está apta a dar consentimento.

Para sair dessa espécie de transe e retomar a consciência sem que haja traumas psicológicos, após as sessões é feito o *aftercare*. Essa expressão do inglês que significa cuidado após, refere-se ao cuidado mútuo que os praticantes realizam após as práticas BDSM tanto no que tange aos cuidados físicos, como a assepsia de possíveis lesões, quanto aos aspectos psicológicos daquilo que foi vivenciado. Geralmente, o *aftercare* faz parte dos acordos prévios entre os praticantes, onde cada um estabelece aquilo que acha necessário ser feito para sair da cena BDSM, entender que estavam vivenciando uma fantasia e retornar à realidade.

Há pessoas que preferem conversar sobre as práticas, outras que preferem ficar em silêncio nesse momento, alguns gostam de dividir uma refeição ou só ficar deitados juntos, bem como há quem prefira tomar um banho e ficar sozinho. Esse cuidado deve continuar nos dias que se seguem, onde ambos devem verificar um com o outro se estão bem, se há algo diferente nas suas rotinas, tais como insônia, falta de apetite, bem como se as lesões estão cicatrizando.

Assistir aquela cena me causou muita inquietação, afinal, aquela mulher era

livre, ela poderia ir embora da casa de seu dominador e não voltar mais caso aquilo não fosse bom, mas ela deixava-se prender e ser açoitada, ela saía na rua com a máscara de proteção contra a Covid, mas por dentro da máscara sua boca estava amordaçada porque ela permitia isso, ela se submetia a ordens, comandos, realizava serviços e tarefas domésticas. E eu me questionava: por que uma mulher aceitaria isso? Por que se sujeitar a situações degradantes? Por que sendo eu uma mulher feminista e consciente da luta constante pelos direitos das mulheres estava curiosa sobre essas sensações? Antes de deixar o Castelo de Thor, após dois meses de interações por meio digital com aquele grupo, tive a oportunidade de acompanhar outras cenas de Amor e, apesar de todas as dúvidas que eu ainda tinha, as cenas foram se naturalizando e o sentimento de angústia de vê-la se submetendo e sendo torturada já havia dado lugar à vontade de experimentar todas aquelas sensações.

2.2 Festa Delirium

A pandemia da COVID-19 afetou muitos setores da economia e todos tivemos que nos adaptar a uma nova realidade. Nos setores em que foi possível, as empresas precisaram criar novos meios de se desenvolverem e adotaram o home office. Para o setor cultural e da indústria do entretenimento, no entanto, não foi tão fácil. Cinema, teatro, shows não podiam funcionar presencialmente.

Para os adeptos de práticas fetichistas que já não tinham tantas opções de espaços de socialização também foi um momento delicado e a única alternativa viável para a interação social eram as plataformas digitais. Foi a partir daí que alguns integrantes do meio começaram a promover algumas reuniões online, lives no instagram, grupos de whatsapp com brincadeiras e jogos como verdade e consequência e jogo do telefone⁸, até o surgimento da ideia de uma festa online.

A responsável pela organização da festa já atuava com produção de eventos e teve a ideia de realizar festas no formato online através da plataforma Zoom. Quem quisesse participar comprava o ingresso diretamente com a organizadora que

⁸ O jogo do telefone é uma brincadeira realizada via grupo de Whatsapp, onde uma pessoa envia uma figurinha de um telefone tocando e o primeiro que responder escrevendo “alô” participa da rodada. Quem “ligou” faz uma pergunta ou propõe um desafio para quem “atendeu” e depois este último é quem envia a figurinha do telefone e começa uma nova rodada.

inseriria as pessoas em um grupo de Whatsapp para que pudessem iniciar ali a interação e no dia do evento ela enviava o link da festa. As pessoas passavam os nomes de usuário antecipadamente e na hora ela ia liberando a entrada de um por um no ambiente online.

A festa geralmente tinha uma temática e as pessoas poderiam vestir-se a caráter ou conforme desejassem. Mais uma vez percebi a nudez como um interdito e só era permitida a quem estivesse realizando uma performance e desde que tenha sido previamente acordado com a organizadora como parte essencial de uma cena agendada. Antes de iniciar a festa, a organizadora fechava o grupo para que os integrantes não pudessem enviar mensagens e colocava ali todas as regras que deveriam ser seguidas durante o evento, tais como respeito, não abrir o microfone, não tirar *print* da tela e não postar nada sem a prévia autorização de todos que aparecessem nas imagens, usar as tratativas de honoríficos para dominadores e dominadoras durante as conversas no chat, etc.

A festa incluía performances de membros da própria comunidade que eram anunciadas através da página da festa no Instagram. Havia cenas de shibari⁹, *spanking*, *age play*, *pet play*¹⁰, entre outras.

Figura 3 - Prática de Pet Play



Fonte: Zachary Krevitt, metro.co.uk, 2022.

Figura 4 - Prática de Age Play



Fonte: abdl.amsterdam, 2022.

⁹ O shibari é uma técnica japonesa de amarração com cordas que pode ser utilizada com fins artísticos e que, no caso do BDSM, é usado de forma erótica como uma técnica de bondage e restrição de sentidos.

¹⁰ *Spanking* é uma prática de impacto que pode ser feita com as mãos ou com o auxílio de instrumentos; *Age play* é o termo utilizado para se referir à dinâmica de uma relação BDSM onde se performa uma idade diferente daquela que a pessoa realmente tem e não se confunde com pedofilia, uma vez que os praticantes são maiores de 18 anos; e *Pet play* é o termo utilizado para se referir à dinâmica de uma relação BDSM onde se performa um animal doméstico e seu dono.

Para muitas pessoas que nunca haviam presenciado uma cena BDSM, seja por serem novatos, por estarmos em isolamento social ou por morarem em regiões afastadas dos grandes centros urbanos, esta era uma ótima oportunidade de ter um contato mais de perto com as práticas fetichistas.

Nas primeiras edições da festa, as pessoas ainda estavam mais tímidas, a maioria sequer abria as câmeras, mas a partir da terceira edição as pessoas começaram a se sentir seguras naquele espaço. A interação e participação das pessoas aumentou, a maioria criava um verdadeiro espaço de festa em suas casas para participar do encontro. Alguns decoravam suas salas com a temática da festa, preparavam bebidas e petiscos para curtir aquele momento.

Já era possível diferenciar os exibicionistas e os voyers e embora não seja uma regra e eu nem tenha ouvido alguma menção a isto, era perceptível que as exibicionistas, que ficavam dançando e sensualizando para a câmera eram submissas mulheres e do outro lado dominadores homens performavam a figura voyer, com uma postura séria e poucas vezes descontraída. E de alguma forma não explícita isso já era um comportamento esperado para ambas as posições e que mais tarde ajudou a corroborar a ideia de que nossas personagens fetichistas vão sendo socialmente elaboradas e moldadas.

As festas costumavam ter a duração de cerca de 5 horas. Entre uma cena e outra, ficava tocando música eletrônica e a organizadora da festa ia dando destaque nas câmeras das pessoas dançando. Esses momentos eram muito divertidos, pois enquanto um convidado estava com sua câmera em destaque, os demais enviavam mensagens pelo chat incentivando, fazendo elogios e brincadeiras.

Durante as cenas, que também eram realizadas nas casas de quem estivesse performando, era solicitado silêncio no chat por respeito a quem estivesse se apresentando. A *playlist* das apresentações era combinada com quem fosse se apresentar previamente e na hora da cena era colocada pela organizadora.

Essas festas aconteceram no formato 100% online por quase um ano e depois houve um período híbrido quando a situação pandêmica começou a ser amenizada. Dessa forma, aconteceram algumas festas já presencialmente, mas que eram transmitidas também de forma online para quem não pudesse comparecer fisicamente.

Presencialmente, a festa teve edições realizadas em clubes e casas

fetichistas e, atualmente, a organizadora deste evento está focando no público praticante de Shibari e realizando festas presenciais para adeptos desta prática.

2.3 The Happy Hour

A primeira vez em que eu estive em um evento fetichista foi em um clube chamado The Happy Hour. Para frequentar o local é necessário fazer reserva antecipada diretamente com a dona da casa. Com isso, acontece uma certa seletividade, pois por não ser um local aberto ao público, a divulgação acaba ficando restrita aos integrantes da comunidade e seus conhecidos. Além disso, estávamos em um período em que ocorreu um relaxamento do isolamento social, mas onde a capacidade dos espaços tinha que se manter reduzida pela metade para restringir os riscos de contaminação.

O clube é localizado em um prédio comercial onde aos finais de semana não há movimentação. O bairro é quieto e silencioso e estando na frente do prédio, ninguém poderia supor que ali estaria acontecendo uma balada BDSM. A experiência inicia-se antes mesmo de entrar no prédio: uma pessoa fica na janela à espera dos visitantes que já compraram seus ingressos e, quando eles chegam, uma cordinha com uma chave é içada até o visitante para que ele acesse o portão de entrada.

Eu estava acompanhada do meu dominador e da minha irmã de coleira e essa seria a nossa primeira aparição pública no meio fetichista. Como já mencionado, meu dominador era bem conhecido no meio BDSM, mas para mim e minha irmã era como debutar na cena e estávamos bastante ansiosas por esse momento. Devidamente paramentadas com nossas coleiras de couro no pescoço com o nome do nosso Mestre escrito nelas, demos as mãos e, alguns lances de escada depois, entramos no local.

Ao passar pela porta, demos de cara com a recepção onde localiza-se um balcão em que um funcionário, o submisso da dona do clube, recebe os clientes. Ali há uma caixa onde precisamos deixar os nossos celulares, pois não é permitido fotografar o local. O balcão da recepção é também o bar da casa. Atrás do balcão fica uma geladeira e as bebidas e o mesmo submisso e outra submissa da dona do lugar são responsáveis por servir os clientes e anotar o consumo em suas

comandas. A recepção ainda possui uma lojinha que consiste em uma estante com quatro nichos onde ficam expostos produtos para venda, tais como coleiras, velas para *wax play*, plugs, mordanças, *clamps*, *paddles*¹¹, *floggers*, entre outros, e um espelho na parede oposta à estante da lojinha.

O clima era como se estivéssemos entrando em um apartamento de conhecidos para uma festa particular. Todas as pessoas se cumprimentavam, ainda que com um tímido gesto de cabeça, e uma atmosfera intimista se estabelecia logo na chegada.

Figura 5 - Entrada da Sala Medieval



Fonte: Site do clube, 2021.

Ao passarmos pela recepção, entramos na Sala Medieval, um dos ambientes do espaço com decoração típica dessa temática. A iluminação dessa sala é toda feita com velas em pontos específicos espalhados pelas paredes do ambiente. A mobília é composta por uma cadeira de tortura em madeira, com um assento relativamente curto, possibilitando que as genitais dos *bottoms* (aqueles que assumem a posição passiva em uma prática) que dela fazem uso fiquem totalmente disponíveis para o *Top* (aqueles que assumem a posição ativa em uma prática),

¹¹ *Wax play* consiste na prática de pingar cera de vela derretida pelo corpo; plugs são *sex toys* usados para estimulação do ânus, períneo e próstata; *clamps* ou *nipple clamps* são *sex toys* usados para prender os mamilos; e *paddles* ou palmatórias são *sex toys* usados para jogos de impacto, como o *spanking*.

sendo possível realizar práticas como CBT (*cock-and-ball torture* ou tortura de genitais), por exemplo.

Há um outro móvel em madeira maciça, como se fosse uma bancada grande com um armário embaixo. Ao lado dessa bancada, fica um banquinho e um rolo de tecido *tnt* para realização de práticas de *needle play*¹² e *wax play*. Próximo à janela, que é decorada com uma cortina em tecido rústico, fica uma mesinha alta onde é possível apoiar bebidas e conversar durante uma festa.

Além disso, compõem a sala também um cavalete de tortura e uma Cruz de Santo André¹³. No teto da sala, uma barra de madeira maciça foi colocada pensando na suspensão de *bottoms* para a realização de jogos BDSM.

Figura 6 - Cadeira de tortura, cavalete e cruz de Santo André



Fonte: Site do clube, 2021.

Não havia ninguém fazendo uma cena ou utilizando a sala quando chegamos. Na verdade a Sala Medieval é utilizada mais para o trânsito entre a recepção e os outros ambientes da casa. A maioria das pessoas divide-se entre a Sala Vermelha e a Sala Industrial, que são os ambientes onde acontecem cenas e

¹² Needle play consiste em práticas BDSM com uso de agulhas hipodérmicas para perfuração da pele.

¹³ A cruz de Santo André consiste em uma cruz em formato de X. Seu nome faz alusão ao martírio do apóstolo Santo André que teria sido torturado nessa cruz. No BDSM, *bottoms* são presos à cruz para receberem as práticas como o *spanking* (surra).

jogos.

Saindo da Sala Medieval passamos por um corredor onde ficam os *lockers* (armários) que os associados do clube têm acesso para guardar seus objetos e pertences. O The Happy Hour, além das festas onde as pessoas adquirem seus ingressos apenas para um determinado evento, possui um esquema de associação, onde aqueles que quiserem associar-se ao clube pagam uma taxa de adesão e depois uma mensalidade tendo o direito de utilizar todo o espaço para suas sessões BDSM de forma privativa, mediante reserva nos dias em que não há evento, além de possuir gratuidade nos eventos do clube com direito a um acompanhante. Alguns frequentadores assíduos consideram esta uma vantagem, uma vez que como sócios economizam em gastos com motéis e têm à sua disposição toda a mobília e o clima de uma masmorra para seus jogos fetichistas.

O corredor, assim como os demais ambientes do clube, é minuciosamente decorado com quadros com imagens de cenas que aconteceram no próprio The Happy Hour, como cenas de *Fire Play*¹⁴, *Needle Play* e *Knife Play*¹⁵. Ainda no corredor temos acesso ao banheiro da casa, que tem suas paredes pintadas de preto para manter o clima do lugar. Do lado de fora fica uma pia e um espelho com luz indireta, que a dona do clube disse ter sido pensado nas mulheres.

Seguindo pelo corredor, fomos conhecer a Sala Vermelha. Esse é o maior ambiente da casa e ao entrar na sala a primeira coisa que vimos foi uma jaula imponente gradeada por correntes de ferro com iluminação LED vermelha. Ao lado dessa jaula fica um trono e atrás dele a parede é toda coberta com cortinas em veludo vermelho, impedindo que a luz externa adentre o ambiente pelas janelas. Um pouco mais à frente uma cama de casal e almofadas também com tecido vermelho e cabeceira estofada preta com luz indireta vermelha, onde as pessoas também sentam-se para conversar e/ou assistir alguma performance.

¹⁴ *Fire play* é o termo usado para referir-se a práticas BDSM com o uso de fogo.

¹⁵ *Knife play* refere-se às práticas em que se usam facas e punhais. Geralmente utilizado após uma sessão de *wax play* para remover a vela do corpo de forma erótica.

Figura 7 - Entrada da Sala Vermelha



Fonte: Site do clube, 2021.

Ao fundo da Sala, mais uma Cruz de Santo André, essa estofada em couro, e colocada por cima de uma parede vermelha com a logo da casa pintada. Compõem o ambiente ainda um cavalete de madeira com forro de couro e dois pontos suspensos com algemas para prender os braços dos *bottoms* de forma que fiquem com os braços abertos no alto. Na parede oposta a das janelas com suas cortinas vermelhas fica um painel preto com luz indireta vermelha e a logo da casa e diversos ganchos para que os usuários pendurem os objetos (*chicotes, cintos, floggers, paddles, etc*) que irão utilizar durante suas práticas.

Além disso, mais duas cadeiras de madeira com assento estofado e um espelho sob um painel preto fazem parte do local. Um tapete vermelho faz parte da decoração dessa sala também, mas durante as festas e eventos ele é retirado, ficando lá apenas para uso pelos associados no dia a dia.

Figura 8 - Jaula, cama e cavalete da Sala Vermelha



Fonte: Site do clube, 2021.

Quando entramos na Sala Vermelha havia algumas pessoas no local. Os dominadores e dominadoras estavam sentados nas cadeiras e os submissos sentados no chão. Nossa chegada causou um certo burburinho, pois como eu mencionei, nosso dominador era já conhecido no meio e as pessoas tinham muita curiosidade em saber quem eram suas submissas.

Figura 9 - Sala Vermelha vista de outro ângulo



Fonte: Site do clube, 2021.

Fomos andando e sendo apresentadas às pessoas; alguns nomes eram familiares, pois eram pessoas que faziam parte da rede de contatos do *Instagram*, já os rostos estavam sendo conhecidos pela primeira vez, pois nas redes são poucas as pessoas que revelam sua identidade através de fotos do rosto.

Seguimos rumo ao último ambiente da casa para cumprimentar quem estava lá. Ao entrar na Sala Industrial a visão é de uma cama de solteiro de ferro alta com uma jaula em toda a sua extensão inferior e uma guilhotina na cabeceira. A iluminação é toda em luz negra pensando na prática de *wax play* com velas fluorescentes. As paredes são cinzas com detalhes em papel de parede que imita tijolos aparentes como se a pintura estivesse descascada em algumas partes.

Essa é a única sala em que é permitido fumar, pois possui uma janela que fica o tempo todo aberta para a circulação de ar. Na parede há uma placa preta com ganchos e luz LED roxa, um pouco menor do que a da Sala Vermelha, para pendurar os equipamentos e na parede oposta uma estrutura imitando canos que culminavam com 3 luzes negras nas extremidades. O chão em cimento queimado ajudava a compor a atmosfera da sala que ainda continha um carretel (bobina) em madeira com ganchinhos ao redor que permitem ao usuário explorar sua imaginação.

Figura 10 - Entrada da Sala Industrial



Fonte: Site do clube, 2021.

Durante toda a nossa excursão pela casa, as pessoas iam me abordando e perguntando “você é a Atena?” e, num primeiro momento aquilo me causou certo espanto. Eu sabia que por conta de eu produzir conteúdo acerca das minhas descobertas pelo mundo do fetiche e por ser a submissa do Mestre Zeus, as pessoas já haviam ouvido falar de mim e estavam ansiosas para me conhecer, mas acho que eu não havia pensado como seria encarar de frente as pessoas que haviam lido os meus textos e me conheciam através das minhas palavras.

Ao mesmo tempo em que eu me sentia acolhida pelas pessoas, também tive a sensação de ser uma “atração de circo” e isso me assustou bastante. Porém, um segundo momento ainda mais inquietante ocorreu: após a afirmação de que eu era a Atena, vieram os elogios aos meus textos, à minha postura, ao quanto eu inspirava as pessoas e como eu era para elas o exemplo de uma submissa perfeita. Por mais que possa soar estranho em um meio que inspira liberdade sexual, essa perfeição a qual eu estava sendo comparada e essa postura que era exaltada tinha como característica o mesmo padrão de comportamento que se espera de uma mulher em uma sociedade patriarcal: significava uma pessoa discreta, recatada, que conhecia o seu lugar em uma relação de dominação e submissão, diferentemente de outras submissas que, em se classificando como exibicionistas, exerciam sua expressão sexual de forma livre em suas redes sociais.

Ao ouvir essas palavras, a ansiedade e o nervosismo de estar em um lugar novo, conhecendo pessoas novas, em um ambiente nunca frequentado, sem saber o que iria acontecer e que situações eu iria presenciar, ganharam uma outra proporção. Eu sentia que vários holofotes haviam sido colocados sobre mim e que o peso de uma grande responsabilidade havia sido colocado em minhas costas. Como assim eu era “exemplo”? O que eu fazia era apenas tornar público o que para mim poderia ser uma mistura de diário pessoal com diário de campo.

Eu literalmente registrava em palavras as minhas sensações experienciadas e as minhas descobertas a partir do estudo para o meu mestrado. Se por um lado a minha posição de etnógrafa não era vista como uma *outsider* e olhada com preconceito, a minha prática fetichista havia ganhado destaque e ali eu me tornei meu próprio dado etnográfico.

Minha irmã, que era muito mais extrovertida do que eu, percebendo meu nervosismo, me levou ao bar para buscarmos uma bebida. E como em qualquer outra balada noturna havia bebida alcoólica sendo vendida. Acontece que essa não

era qualquer balada noturna, era uma balada BDSM e esse foi o primeiro momento em que me dei conta de que a comunidade BDSM não é uma ilha apartada de um continente, ao contrário disso, faz parte de uma sociedade capitalista, machista, patriarcal, heteronormativa e, nesse caso, o capital falou mais alto do que a teoria. Uma das bases do BDSM é o SSC (são, seguro e consensual) que prega que as pessoas devem estar conscientes e de posse de suas faculdades mentais para poder dar o seu consentimento. O consentimento é o limiar que separa o que é um jogo BDSM do que é um abuso e um crime. Logo, se eu estou com meu discernimento comprometido pela ingestão de álcool, eu não estou sã para consentir e, dessa forma, nenhum jogo será seguro. Ali percebi que muito do discurso pregado na teoria estava desalinhado com a prática dentro do meio BDSM.

Logo na volta do bar nos informaram que os “jogos” iriam começar. Mas um momento de tensão e eu me perguntava “o que seriam ‘os jogos’ e o que iria acontecer?” Nesse momento, estávamos na Sala Industrial e as pessoas se organizaram em círculo de pé mesmo e um dildo (réplica de borracha de um pênis) foi colocado no chão ao centro da sala. A dinâmica consistia em girar o dildo e dependendo da posição em que ele parasse uma pessoa fazia um desafio para a outra. Dentre alguns desafios que eu presenciei estavam colocar uma pedra de gelo nos seios e deixar lá até derreter, escolher alguém para receber um *spanking*, seja com as mãos ou com um acessório, ficar algum tempo preso na jaula, entre outros. Em um determinado momento meu dominador foi desafiado a fazer uma cena com sua sub. Ele chegou até mim e minha irmã e nos deixou confortáveis para fazer apenas o que estivéssemos à vontade. Eu disse que não conseguiria, pois estava muito tensa, mas minha irmã topou realizar a performance.

Foi uma cena muito bonita de observar, porque eu conhecia exatamente as sensações que meu dominador podia provocar e como minha irmã as estava sentindo. Aproveitei o terreno familiar para focar nas pessoas que assistiam à cena. Era fácil distinguir entre dominadores(as) e submissos(as) por suas reações ao que assistiam: dominadores e dominadoras, principalmente os(as) mais sádicos(as), deixavam escapar um leve sorriso de contentamento pelo que assistiam, já os(as) submissos(as) tinham expressões mais contraídas, como se conhecendo as sensações, desejassem estar ali.

Meu dominador ordenou que minha irmã fechasse os olhos, respirou em sua nuca e sussurrou em seu ouvido. Pegou-a pelos cabelos e a posicionou com o corpo

curvado sob uma cadeira. Levantou sua saia o suficiente para deixar sua bunda à mostra e iniciou o *spanking* com as mãos. Conforme ele ia batendo, o público participava fazendo a contagem dos tapas até que chegasse na quantidade do desafio.

Ao fim das brincadeiras, as pessoas se espalharam pela casa, alguns foram para o bar, outros reuniram-se em pequenos grupos para conversar e uma cena se iniciou na Cruz de Santo André na Sala Vermelha. A submissa foi colocada na cruz com os braços presos nas algemas suspensas enquanto a dominadora (a dona da casa) desferia alguns golpes com seus objetos. A cada golpe a submissa se contorcia e a dominadora complementava a cena com frases de humilhação, porém com um toque humorístico e sarcástico que entretinha a plateia provocando risadas. Parecia mais um show de *stand up* BDSM do que uma cena de tortura tensa carregada de sofrimento, apesar de o sadismo e o masoquismo serem reais.

Sobre esses limites entre realidade e ficção envolvidos em práticas de humilhação, María Elvira Díaz-Benítez desenvolveu o conceito de fissura:

Os fetiches de humilhação extrema são uma encenação do hiper-real que visa provocar medo e dor, mas sem fazer tudo, pois se "tudo fosse feito" estaríamos falando de situações de ilegalidade e se romperia o pacto estabelecido entre os produtores e os clientes. Estes consomem um tipo de fantasia: quem compra sabe que não está assistindo a uma tortura real, mas exige que pareça real e, para isso, os praticantes devem fazê-la de um jeito (hiper)real. Nesse fazer, os limites entre realidade e ficção, não raramente, são rabiscados e ali se produz a *fissura* (DÍAZ-BENÍTEZ, 2015, p. 79).

O BDSM “brinca” o tempo todo com as fronteiras da performance e realidade. Parte-se primeiro da imaginação de um cenário ficcional, como ocorre em uma prática de *rape play* (encenação de estupro), onde as pessoas sabem que não vai ocorrer uma violação sem consentimento, no entanto, quando a dinâmica se inicia todas as sensações experimentadas pelos sujeitos estão acontecendo no mundo real. Dor, humilhação, degradação e violência rompem com o imaginário e se corporificam, e passam a contar com o princípio da confiança e do respeito aos acordos para que aquela experiência real possa retornar ao campo ficcional (através do uso da palavra de segurança - *safeword* - previamente combinada), sob o risco de se tornar um abuso.

Enquanto isso, na Sala Industrial acontecia uma cena de *wax play* comandada por um dominador associado da casa. Uma lona preta foi colocada no chão e duas submissas deitaram-se sobre a lona de costas trajando apenas

calcinhas. O dominador ia pingando a cera da vela derretida lentamente, alternando as cores das velas e os locais em que pingava a cera para formar um desenho. Conforme a cera quente tocava os corpos das submissas pequenos espasmos eram observados em seus corpos. As pessoas que assistiam a cena permaneciam em silêncio observando atentamente o que estava acontecendo. Quando terminou de pingar a vela, o dominador pegou uma adaga e começou a percorrer o corpo da primeira submissa para retirar a cera que ali estava depositada. Essa é a parte mais erótica do *wax play* e que exige maior confiança entre os parceiros de jogo para se manter dentro dos limites do que foi acordado.

Apesar da minha ressalva com relação à bebida alcóolica no espaço, o que de forma alguma considero um mero detalhe diante da natureza das atividades praticadas nesse meio e que coloca a principal ferramenta de legitimação dessas atividades em risco, que é a capacidade de consentir, a experiência dessa noite como um todo foi muito produtiva. Poder observar as práticas BDSM de perto, conhecer os atores que antes eram apenas pseudônimos em redes sociais e compreender como tudo se relaciona na prática, como as pessoas interagem e se conectam umas com as outras e com o ambiente foi um deleite tanto para a submissa que estava encantada com aquele universo quanto para a pesquisadora que mais tarde analisaria e transformaria experiências em dados etnográficos.

2.4 Dominatrix Augusta¹⁶ - dia 1

Talvez um dos bares fetichistas mais conhecidos do Brasil seja hoje o Dominatrix. O bar com temática BDSM com endereço estratégico na cidade de São Paulo situa-se no bairro da Consolação, mais especificamente na famosa Rua Augusta. Conhecida por seus bares e baladas que reúne um público bastante eclético, a Rua Augusta com cerca de três quilômetros de comprimento, estende-se da região central na Rua Martinho Prado até os Jardins, na Rua Estados Unidos, cruzando com a Avenida Paulista, onde localizam-se inúmeros escritórios da cidade.

Uma caminhada pela Augusta revela um ar de liberdade, o que permite que

¹⁶ Devido à sua popularidade e ao fato da contextualização local ser valiosa para o entendimento dos dados, mantive o nome oficial deste espaço.

diferentes estilos culturais se reúnam em uma mesma região, agregando de bares e restaurantes até casas noturnas e prostíbulos, do público jovem até o público mais maduro, de moradores locais a turistas estrangeiros.

Essa área da cidade se enquadra no conceito de “região moral” concebido por Robert Ezra Park. Para o sociólogo, por conta de seus gostos e temperamentos a população tende a se segregar em locais onde possam vivenciar seus impulsos e paixões reprimidos, o que acaba por reunir um público completamente diferente daquele gerado por outros marcadores citados pelo autor, tais como orientação vocacional, condição econômica etc:

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, quer sejam proporcionadas por corridas de cavalos ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida cidadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. A distribuição da população resultante tende a ser bastante diferente daquela ocasionada por interesses ocupacionais ou por condições econômicas. Cada vizinhança, sob as influências que tendem a distribuir e a segregar as populações cidadinas, pode assumir o caráter de uma “região moral”. Assim são, por exemplo, as zonas do vício encontradas na maioria das cidades (PARK, 1973, p. 63).

Figura 11 - Visão da entrada do Dominatrix



Fonte: Site da casa, 2021.

Nessa atmosfera encontra-se o bar Dominatrix que, para o público em geral, não causa nenhuma estranheza, sendo percebido como mais um bar temático da excêntrica Rua Augusta.

A minha primeira ida ao Dominatrix estava cercada de ansiedade pela fama e status que o ambiente possuía. Não era admissível você pertencer à comunidade BDSM e não conhecer o Dominatrix, mesmo não sendo um morador da cidade de São Paulo. Estava mais uma vez acompanhada da minha irmã de coleira e do nosso dominador. Na entrada, uma *hostess* nos deu as boas-vindas e pediu nossos nomes para colocar na comanda. Por alguns milésimos de segundo a dúvida sobre o que eu deveria fornecer: meu nome civil ou meu *nick* fetichista? E, se eu fornecesse meu *nick*, estando paramentada com o *dress code* de submissa, estaria eu consentindo em entrar no espaço lúdico do BDSM? Eu deveria performar o tempo inteiro? São questionamentos de uma iniciante que eu não tenho mais, porém que são muito comuns a quem está tendo seus primeiros contatos sociais no mundo presencial. Quando entramos na comunidade digital através das redes sociais, a separação entre a sua vida baunilha e sua vida fetichista é muito mais fácil de reconhecer com uma atitude simples: todos possuem duas contas no Instagram, uma para o perfil social baunilha e outra para o universo fetichista. Na prática do dia a dia, esta separação não existe de fato e o que vai separar o lúdico do real são os acordos e combinados entre as pessoas.

Após ouvir meu dominador fornecer seu nome fetichista, simplesmente segui o mesmo procedimento, minha irmã fez o mesmo e nós duas entramos de mãos dadas. O bar é relativamente pequeno e possui dois andares. Na parte de baixo, aos fundos fica a cozinha e o balcão do bar com três banquetas altas à sua frente, onde são servidas as bebidas e petiscos, e na lateral há dois banheiros individuais (feminino e masculino).

No salão há uma barra de pole dance, uma poltrona vermelha e um sofá com acolchoamento também vermelho e seis mesas apenas, dispostas de forma contínua, uma ao lado da outra na extensão do sofá. As paredes pretas com alguns quadros com modelos de estética fetichista bem discretos complementam a decoração. A iluminação nessa área fica por conta de dois lustres clássicos no teto e de um pequeno globo luminoso que fica na bancada do bar projetando luzes coloridas no teto. Não fosse pelo nome sugestivo “Dominatrix” aceso no letreiro que fica na porta, o neófito que permanecesse no primeiro andar, poderia nem perceber que se trata de uma balada fetichista. Na verdade, a decoração misturando o preto e o vermelho de forma meio clichê decadente remonta mais uma casa de swing, um bar com cenas de *strip tease*, do que uma pegada BDSM nesse primeiro piso.

Figura 12 - Salão do primeiro andar do Dominatrix



Fonte: Site da casa, 2021.

Quando entramos, esse primeiro pavimento estava bem vazio, então fomos até o bar, pegamos bebidas e subimos as escadas para a parte de cima da casa. Nesse andar, chamado por alguns de “masmorra” apesar dos poucos elementos, fica mais visível que se trata de um espaço para reunião e prática BDSM.

Logo que terminamos de subir as escadas, nos deparamos com uma placa presa à parede onde estavam dispostos diversos instrumentos para a prática de *spanking*, tais como, chicotes, *floggers*, canes¹⁷ e palmatórias. Ao fundo, na direção do que seria a cozinha e o bar no primeiro andar, fica um palco com uma Cruz de Santo André em madeira pintada de vermelho fixada na parede e uma maca para a prática de *wax play*. Há mais dois banheiros, também feminino e masculino individuais, algumas mesinhas, poltrona e puff, assim como no primeiro piso.

¹⁷ Canes são acessórios usados no BDSM para jogos de impacto, assemelhando-se a uma espécie de vareta, muitas vezes feita de bambu.

Figura 13 - Salão do segundo andar do Dominatrix



Fonte: Site da casa, 2021.

No meio do salão há uma área reservada para a prática de shibari, onde é possível fazer amarrações, inclusive com suspensão. E na outra extremidade do andar fica uma loja de acessórios fetichistas.

Figura 14 - Prática de Shibari



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021.

Atravessamos o salão e fomos direto cumprimentar os donos da loja, pois havíamos feito uma encomenda de alguns artigos e fomos agradecê-los. Depois

disso, fomos sentar em uma mesa próxima ao palco e dali pude observar a movimentação de pessoas que chegavam. Não passou muito tempo e uma dominadora entrou com sua submissa na coleira. Chamou minha atenção o fato de a submissa em questão estar vestida de forma infantil, com um vestido rodado e de maria chiquinha no cabelo. A relação de dominação e submissão entre elas tinha um outro viés, que é o da relação “age” (dinâmica em que os praticantes performam uma faixa etária diferente da sua real). A submissa é uma *little* e a dominadora sua *mommy*. Relações LGBT no meio BDSM são, ao menos à primeira vista, naturalizadas, então não causava nenhum espanto o fato de estarem performando duas pessoas do mesmo sexo.

Mais um pouco e outra aparição que merece destaque: uma dominadora com um ar bem imponente chegou puxando seu submisso pela guia. Ele estava trajando uma máscara de couro em formato de cabeça de cachorro e performava o animal.

Havia ainda casais que só assistiam o movimento, dominador com três submissas o servindo, pessoas sendo amarradas no espaço do shibari e alguns podólatras¹⁸ fazendo massagem nos pés de dominadoras. De repente uma mulher vestida com roupas de dança do ventre subiu ao palco, ligou o som e começou a fazer sua dança com os quadris enquanto equilibrava uma espada pelo corpo. Ela saiu do palco, dançou por todo o salão enquanto a plateia animada batia palmas e essa foi a primeira apresentação da noite.

Algo que me incomodou nesse momento foi a ausência de alguém que “comandasse” as apresentações e que dialogasse com o público explicando o que iria acontecer. Logo após a apresentação de dança subiu um casal ao palco. O dominador prendeu as mãos da submissa na Cruz de Santo André, posicionou seus objetos em cima da maca e iniciou uma cena de *spanking*. Não ficou claro se se tratava de uma cena da casa ou se era algum cliente usando o espaço, o que entendi depois ser bem comum no local. O palco é aberto para quem quiser subir e fazer suas práticas aos olhos dos demais.

¹⁸ O termo podólatras faz menção às pessoas que sentem atração sexual por pés.

Figura 15 - Outro ângulo do palco e da loja de acessórios



Fonte: Site da casa, 2021.

Isso de alguma forma é um pouco complicado, pois trata-se de um bar de acesso livre a qualquer um que passe na rua e resolva entrar para conhecer. As consequências disso para o BDSM são ruins, uma vez que quem desconhece as bases e protocolos da comunidade acaba vendo o espaço como um antro de libertinagem onde “pode tudo”. E com pouco tempo de comunidade, o que vemos é exatamente o oposto.

Essas bases e protocolos, regras de comportamento, bem como todo conteúdo educacional alertando sobre medidas de segurança, riscos e precauções a serem tomadas é ensinado aos novatos pela própria comunidade que compartilha textos e informações entre os praticantes. Tem se tornado cada vez mais comum a proliferação de “produtores de conteúdo” em páginas do Instagram, Twitter, Medium e plataformas de streaming através de podcasts.

Nos Estados Unidos, na década de 1970, alguns grupos como a The Eulenspiegel Society (TES) e a Society of Janus (SOJ) foram criados com o propósito educacional justamente para conscientizar sobre segurança das práticas e lutar contra o estigma que o contexto impunha:

Com o propósito de oferecer uma autocompreensão mais positiva à comunidade SM e combater equívocos sobre o sadomasoquismo, o TES

desenvolveu um discurso que redefiniu o SM nos termos de seus praticantes e não nos da psiquiatria. Emprestados do movimento das mulheres, os grupos de conscientização permitiram que os membros chegassem à sua própria definição de SM. O TES também foi o primeiro grupo a se movimentar politicamente contra a estigmatização do SM (RUBIN, 2015, p. 293, tradução minha).

Janus começou com uma agenda política clara visando “efetuar a mudança social” (newsletter, outubro de 1974), lutando contra a psiquiatrização do sadomasoquismo e protestando contra as deturpações do SM na mídia. Mas no final da década de 1970, o foco político da Janus tendeu a se dissipar, e a organização se concentrou cada vez mais em funções educacionais e sociais (RUBIN, 2015, p. 296, tradução minha).

Fazer parte do BDSM não é desprender-se de todo tipo de convenção, na verdade é um meio que tem suas próprias regras e que pune moralmente (através de exclusões e rechaçamento público) aqueles que não as seguem. Por exemplo, a coleira usada pelas submissas tem um grande simbolismo para os adeptos assim como acontecia com os lenços utilizados pela comunidade gay na década de 1970 para indicar preferência por práticas e pela posição sexual: se estivesse no lado esquerdo, indicava que o indivíduo era ativo e no lado direito era passivo (THE LEATHERMAN’S HANDBOOK II, 1983). Se o indivíduo (independente do gênero) estiver de coleira no pescoço, isso indica que no BDSM ele é submisso. Se a coleira vier com uma argola pendurada, isso quer dizer que esse indivíduo possui um dono (a) e se for uma coleira sem argola, significa que este submisso está livre. Isso por si só já informa aos outros se essa pessoa pode ou não ser abordada e, por regra geral, costuma-se respeitar isso dentre os praticantes. Porém, num espaço misto como o Dominatrix onde muitos não possuem essa informação acaba acontecendo muito desconforto nesse sentido.

Uma outra cena que aconteceu no palco foram duas dominadoras fazendo *trampling*¹⁹ em três homens. Não posso afirmar que eram submissos, mas não pareciam ser submissos das dominadoras em questão. Ainda nessa mistura de público fetichista e baunilha, subiu ao palco um homem baunilha totalmente alcoolizado e pediu para as mesmas dominadoras também realizarem a prática nele. Em um ambiente 100% BDSM isso deveria ser totalmente rechaçado, já que, em vista do grau alcoólico, o sujeito não é capaz de dar consentimento, além de não ser capaz de entender todos os possíveis riscos aos quais ele estaria se

¹⁹ Trampling refere-se a um fetiche onde o indivíduo sente prazer em ser pisoteado pelo parceiro.

submetendo. Acabou não ocorrendo nenhum incidente, mas esse é o tipo de situação que percebi que os frequentadores da comunidade passam pano em detrimento da manutenção de um dos poucos espaços acessíveis em que eles podem se reunir para vivenciar seus fetiches de forma livre.

2.5 SM Place

O SM Place é mais um local de convivência onde a comunidade BDSM se encontra para estar com seus pares e vivenciar seus fetiches. Assim como o The Happy Hour, trata-se de um clube fechado, onde aquele que passar pela calçada do casario não terá a menor ideia do que acontece lá dentro.

Eu ia fazer aniversário e ainda não conhecia o SM Place, então achei uma boa oportunidade de comemorar e visitar o espaço para fazer minhas observações. Assim sendo, entrei em contato com uma das donas do lugar por meio do Instagram da casa e solicitei a reserva para mim e meus convidados.

Fiquei sabendo que outros três aniversários seriam comemorados na mesma data, o que significava que o local estaria cheio, o que me daria uma excelente oportunidade de me conectar com mais pessoas, conversar e fazer minhas anotações.

No dia, cheguei ao local acompanhada apenas pelo meu dominador, já que minha irmã nos encontraria lá mais tarde, pois tinha um outro compromisso antes. Chegando em frente à casa nos identificamos pelo interfone e passamos pelo primeiro portão, seguindo pelo jardim da casa e alguns passos adiante a dona do local, nos recebeu, anotou nossos nomes nas comandas e fomos conhecer o lugar e encontrar os amigos.

A casa é muito espaçosa e conta com diversos ambientes. Logo na entrada havia uma recepção com alguns artigos fetichistas para venda, mas ninguém ficava lá dentro, sendo a própria dona quem ia até a porta recepcionar os clientes. Em frente a essa recepção fica o salão principal e a varanda da frente que é coberta e nos dois espaços há mesas e cadeiras, onde muitas pessoas estavam sentadas conversando. O salão principal é bem iluminado e conta com uma TV, onde ficam sendo reproduzidas cenas fetichistas. Já a varanda conta com um globo luminoso colorido, um jogo de dardos na parede para diversão dos frequentadores. Na lateral

desses espaços fica o bar, onde são servidos drinks e demais bebidas, e mais adiante o fumódromo, uma pequena varanda a céu aberto com algumas mesinhas e cadeiras altas para as pessoas apoiarem bebidas, cinzeiros e conversarem.

Voltando para a entrada e seguindo em frente, nos direcionamos à parte reservada às *plays*. No início do corredor à esquerda ficam os banheiros masculino e feminino e mais adiante a primeira sala com decoração LED vermelha, duas poltronas em direções opostas, piso de madeira forrado com um tapete ao centro e um aparador com alguns objetos decorativos. Não era exatamente uma sala BDSM, mas um espaço que permitia uma conversa mais intimista ou ainda uma possível negociação para alguma prática posterior.

Seguindo pelo corredor à direita ficava a masmorra propriamente dita e lá sim ficava o mobiliário para práticas fetichistas. Não era um ambiente temático como no *The Happy Hour*, mas remetia à era medieval. As paredes eram todas de tijolos aparentes, com luminárias imitando tochas e logo na entrada havia uma jaula içada ao teto, onde era possível ficar preso em pé diferentemente das demais que eu já havia observado onde submissos e submissas tinham que ficar sentados ou abaixados para caberem dentro das grades.

Ao lado da jaula havia um buraco no chão com uma tampa em grade que permitia que uma pessoa ficasse presa e fosse observada de cima e ainda uma outra tampa que deixava apenas a cabeça da pessoa para fora do buraco, que poderia ser útil para a prática de podolatria. Na parede oposta ficava a famosa Cruz de Santo André que possuía uma inclinação que fazia com que os pés dos praticantes ficassem acima do chão, mas apoiados no mobiliário. Além disso, uma maca, um cavalete e uma barra de bambu presa ao teto completavam a decoração do ambiente.

Esse cômodo tinha uma janela que dava para o fumódromo e era comum que as pessoas que estavam do lado de fora ficassem próximas à janela para assistir alguma cena que estivesse acontecendo por lá.

O último ambiente da casa era uma sala reservada à prática de shibari. Havia um tatame, bem como uma estrutura para amarrações de suspensão e em frente dois sofás com almofadas para quem quisesse assistir às sessões. Era um ambiente bem aconchegante com iluminação baixa e alguns poucos toques decorativos que remetiam a uma esfera oriental, tal como os bambus e os lustres pendentes. Findo o reconhecimento do ambiente, era hora de socializar com os amigos e conhecer

pessoalmente alguns que eu só conhecia pelas redes. Assim, dirigi-me ao salão principal e sentei na mesa reservada a mim, onde fiquei conversando com meus convidados.

Durante o tempo em que estive lá, no entanto, pude perceber uma certa divisão das pessoas nos ambientes. A comunidade BDSM é composta por adeptos mais antigos, apelidados de dinossauros do BDSM e pela nova leva de praticantes que chegou mais recentemente, seja através do romance Cinquenta Tons de Cinza, seja por conta da pandemia da COVID-19. Esses grupos têm, cada um, sua forma de enxergar e vivenciar o BDSM e muitos embates sobre isso são travados nas redes sociais. Fora das redes é mais difícil de ver o confronto direto, mas a separação dos grupos era clara visualmente e os comentários sobre isso ficaram restritos às suas rodinhas de amigos.

Sendo eu uma neófito que chegou junto com a pandemia, me identificava com os ideais do segundo grupo que não vê necessidade de rigidez em seguir determinadas regras e protocolos, uma vez que o intuito de se viver o BDSM é a busca pelo prazer, longe das amarras que a nossa sociedade já nos impunha cotidianamente. Isso se refletia na maneira como as pessoas se comportavam, como por exemplo, no grupo da velha guarda, os (as) dominadores (as) estavam sentados nas cadeiras, enquanto seus (suas) submissos (as) estavam sentados no chão aos pés de seus donos. Já no grupo dos novatos todos sentavam-se à mesa sem distinção por suas posições no BDSM, apesar de a hierarquia relacional estar subentendida entre estes também.

Poucas pessoas arriscaram-se a realizar alguma cena na masmorra, observei uma cena de *spanking* e uma outra de shibari, mas as pessoas não paravam o que estavam fazendo para assistir, como nas outras casas. Talvez o fato de o SM Place fazer parte de um casario bem grande com muitos ambientes faça com que a dinâmica seja um pouco diferente e as pessoas fiquem mais dispersas. Além disso, o clima festivo de comemoração e, possivelmente, a novidade dos novatos terem aparecido no lugar que geralmente é mais frequentado pelos praticantes mais antigos fez com que as pessoas estivessem mais interessadas em interagir umas com as outras do que realizar cenas.

2.6 Dominatrix Augusta - dia 2

Um dia muito importante para a comunidade BDSM é o dia 24 de julho ou, como é popularmente chamado, o 24/7. Neste dia celebra-se internacionalmente o dia do BDSM que desde 2003 é marcado por comemorações onde os adeptos se reúnem para festejar a sua sexualidade *kink*²⁰. A data faz uma alusão à expressão 24 horas por dia, 7 dias por semana que caracteriza algumas dinâmicas BDSM onde alguns praticantes acordam que sua interação acontecerá de forma ininterrupta ou ainda que o(a) submisso(a) estará sempre disponível para o(a) dominador(a). E foi essa a data que o suíço Kurt Walter Fisher escolheu para inaugurar o Clube BDSM Rosa 5 em Barcelona e dali em diante todos os anos os praticantes de todo o mundo comemoram essa data.

Chegou, então, a minha primeira vez de comemorar o 24/7 e o Dominatrix havia preparado uma programação especial. Pessoas de vários locais do país iriam reunir-se lá para essa celebração. Dessa vez, eu fui acompanhada apenas pelo meu dominador, pois minha irmã já havia entregue a sua coleira²¹ e encerrado a D/s com meu dominador. Chegamos cedo, pois às 17h haveria uma cena de comemoração pelos 7 anos de D/s dos donos da loja fetichista.

Chegamos na hora exata da cena e foi um momento muito emocionante. Eles já estavam no palco, ela de joelhos e ele em pé à sua frente. Ele segurava um buquê com sete rosas vermelhas e em seu discurso cada uma das rosas se referia a uma característica do companheirismo e submissão dela para com ele. A cada dedicatória que ele fazia, ele entregava uma rosa para ela até que a sétima rosa completasse os anos em que estavam juntos. Ao final de sua fala, ele a levantou e a colocou na Cruz de Santo André e com as rosas que dedicou a ela, ele iniciou um *spanking* e o fez até que todas as pétalas houvessem caído e só restassem os espinhos. Apesar da baixa luminosidade, era possível ver as gotas de sangue escorrerem pelo seu corpo a cada vez que um espinho perfurava sua pele. Ao final da cena, ela ajoelhou-se em sinal de agradecimento e todos aplaudiram e foram

²⁰ *Kink* é um termo usado para se referir aos adeptos de práticas sexuais não convencionais, incluindo não apenas os praticantes de BDSM, mas também os podólatras, pessoas que possuem fetiche em couro, entre outras fantasias.

²¹ Assim como tudo no BDSM é cercado de simbolismo, o final de uma relação de dominação e submissão tem seu ritual marcado pela entrega da coleira, onde a pessoa submissa devolve a coleira que ornava seu pescoço com o nome do dominador.

cumprimentar o casal.

O clima estava bastante descontraído e nesse dia conheci muitas pessoas com quem eu já tinha contato no mundo digital, mas estava vendo pela primeira vez. Era bastante frequente as pessoas que nos conheciam pedirem para que meu dominador e eu fizéssemos uma cena pública, mas nem ele e nem eu curtimos essa exposição. Não por qualquer tipo de pudor, mas porque, assim como outros praticantes, nós diferenciamos os conceitos de “cena” e de “sessão”. As “cenas” seriam as práticas feitas publicamente em festas abertas ou encontros mais intimistas, mas que possua um público assistindo as pessoas realizando as práticas. Já as “sessões” seriam as práticas feitas de maneira particular, sem espectadores que não estejam participando do ato.

Para entrar em nossos personagens temos nossos rituais e acreditamos ser esse um momento íntimo e particular. Há quem consiga reproduzir isso diante de pessoas e há aqueles que só encenam mesmo para entretenimento do público. Por acreditar que dentro da nossa ludicidade tudo precisa ser verdadeiro, não nos propomos a realizar práticas ou cenas públicas. A entrada no personagem fetichista requer um momento de introspecção e, para muitos de nós, uma ritualística que simbolize a entrada em um campo mental onde estamos cientes que vamos ter sensações reais através de uma realidade imaginada. A tensão e o nível de profundidade que se pode atingir nessa situação imaginada é difícil de se alcançar no ambiente de uma casa noturna ou de uma festa. Comparativamente, poderia dizer que na cena pública há um mergulho em uma piscina e na sessão há um mergulho em mar aberto.

Mais algumas cenas se sucederam, mas nada que chamasse tanta atenção como foi a da comemoração de D/s. Nesse dia, talvez por conta da quantidade de fetichistas e a casa não comportar tanta gente, o público baunilha era quase imperceptível, então quem estivesse indo ao espaço pela primeira vez não perceberia algumas coisas que pude observar na minha primeira visita.

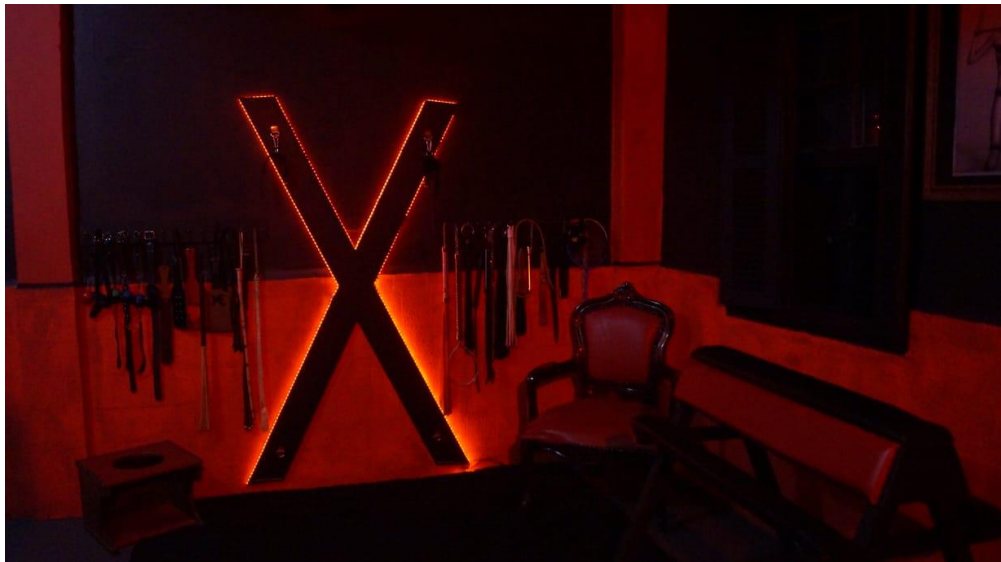
Haveria ainda uma cena de *spanking*, show de *pole dance* e *strip tease* e a apresentação de dança burlesca. Nós assistimos apenas a cena de *spanking*, pois devido à popularidade da data, o local começou a ficar extremamente cheio e ainda havíamos combinado de ir até a Masmorra da Valentina Severo. Então, nos despedimos dos conhecidos e junto com uma amiga que nos encontrou lá fomos continuar nossa celebração do 24/7 em outro espaço fetichista.

2.7 Masmorra Valentina Severo

Valentina Severo é um ícone dentro da comunidade BDSM. Jornalista, radialista e dominadora, ela vive o BDSM 24 horas por dia, tendo feito dele também o seu ganha pão. Valentina possui uma rádio e tv web com conteúdo totalmente voltado para o público fetichista, onde ela realiza programas semanais fazendo entrevistas com os próprios praticantes do meio a fim de levar conhecimento e informação aos iniciantes. Além disso, no subsolo de sua casa, ela construiu uma masmorra onde ela recebe os amigos, aluga o espaço para festas e sessões, realiza workshops sobre práticas BDSM, oferece cursos práticos sobre técnicas de *fire play*, *spanking*, *neddle play*, entre outros.

Apesar de ser extremamente conhecida pelos praticantes, Valentina não circula muito pelas casas de São Paulo e prefere fazer suas reuniões em sua própria masmorra. Neste 24/7, ela estava inaugurando sua nova masmorra e, então, fomos convidados a celebrar a data junto com ela, seu submisso e um grupo seletivo de amigos deles.

Figura 16 - Masmorra Valentina Severo



Fonte: Acervo pessoal da Valentina Severo, 2022.

Eu já havia conhecido a Valentina pessoalmente em outra ocasião, quando meu dominador foi convidado a dar uma entrevista para a sua Tv web, então, para mim, seria um momento em que eu sabia “onde estava pisando”. Eu já sabia que

ela gostava de ser tratada por Senhora, respeitando a hierarquia lúdica do meio, ao mesmo tempo em que é uma pessoa extremamente simples e que me deixava muito à vontade.

Saindo do Dominatrix, então, eu, meu dominador e uma amiga que estava começando a conhecer o universo BDSM e identificava-se como submissa fomos para a Masmorra da Valentina. Chegando lá havia, além dela e seu submisso, apenas mais 5 convidados. Era, portanto, um encontro BDSM bem intimista.

O espaço não é muito grande, mas atende ao que se propõe. Os clássicos preto e vermelho davam o tom do local, na parede uma Cruz de Santo André com iluminação LED, um cavalete, uma maca, uma jaula e diversos utensílios presos em ganchos compunham a estética do lugar. O ambiente dispõe de um banheiro que é compartilhado por todos e uma bancada, que funciona como uma espécie de “bar” desses que já foram muito comuns de fazerem parte da decoração de salas de estar nos anos 1980.

Um dos convidados presenteou a Valentina com um acessório denominado pedestal para tortura de mamilos que, quando chegamos, estava sendo testado pela Valentina em uma das convidadas. Confesso que reconhecendo na expressão da submissa o misto de medo, dor e prazer, tive vontade de experimentar aquelas sensações, mas havia começado a sentir uma súbita enxaqueca, então tomei um remédio e fiquei apenas observando a movimentação.

Outro convidado era conhecido por dominar a prática do *fire play* e nossa amiga pediu para experimentar a prática. Ela despiu-se totalmente, prendeu os cabelos e foi colocada na Cruz de Santo André, onde o dominador iniciou o balé do fogo pelo seu corpo. A chama era acesa e apagada rapidamente após percorrer pequenos trechos das costas, nádegas e pernas de nossa amiga. Era uma cena muito bonita de se ver e ela nos contou que foi uma experiência maravilhosa.

Depois disso, foi a vez do submisso da Valentina ir para a Cruz de Santo André desnudo e vendado e receber um *spanking* em conjunto da Valentina e dos seus convidados dominadores. A cada golpe desferido, ele deveria realizar a contagem, porém só deveria contabilizar os golpes desferidos por sua Senhora. A regra do jogo era clara: ele deveria manter-se ereto, sem dobrar as pernas e oferecendo as nádegas para o deleite de sua dominadora. Então, quando se mexia ou contava uma cintada que não havia sido dada por sua Dona, ele era punido por ela. A punição aqui, no entanto, não tinha um objetivo de correção, mas era mais

um elemento no jogo de dor e prazer, dominação e submissão.

Após a cena e mais um pouco de conversas, falei ao meu dominador que precisava ir embora, pois eu já não tinha condições de permanecer devido à enxaqueca que sentia, essa nada lúdica e prazerosa. E assim nos despedimos da Masmorra de Valentina.

2.8 Studio 57 do Dom Barbudo²²

Figura 17 – Dom Barbudo, 1º Mr. Leather Brasil



Fonte: Arquivo pessoal do Dom Barbudo, 2022.

Dom Barbudo é patrimônio cultural da cena *Leather* e BDSM no Brasil, tendo sido eleito o primeiro Mister *Leather* Brasil em 2017 e concorrido ao Mister Leather Internacional realizado em Chicago, nos EUA. É o responsável pelo maior site sobre conteúdo *Leather* e BDSM nacional e ainda promove muitos encontros que criam

²² Por toda sua notoriedade, representatividade e por tratar-se de uma figura pública, aqui também o nome do local e o nick do interlocutor foram mantidos.

espaços para socialização dos integrantes, tais como o Jantar *Leather*, o BDSMCAMP e festas BDSM.

Como eu integrava a redação do site com minhas colunas quinzenais, meu contato com Dom Barbudo era bem próximo. Conforme mencionado anteriormente, o site dele é o maior site de conteúdo fetichista atualmente. Lá é possível conferir relatos com fotos reais sobre os mais diversos tipos de fetiches, acessar conteúdos educacionais escritos pelos colunistas, espiar as sessões realizadas pelo Dom Barbudo no Studio 57, além de saber sobre as últimas notícias sobre festas e eventos. Por conta da confraternização de fim de ano dos colunistas do site, tive o prazer de conhecer o Studio 57.

Figura 18 - Studio 57



Fonte: Arquivo pessoal do Dom Barbudo, 2022.

Figura 19 - Cozinha do Studio 57



Fonte: Arquivo pessoal do Dom Barbudo, 2022.

Localizado em um prédio residencial, o Studio 57 nada mais é do que um apartamento decorado com muito bom gosto segundo a estética *Leather*. Nele, o Dom Barbudo realiza suas sessões, onde recebe desde novatos até os fetichistas mais experientes que têm curiosidade em realizar uma sessão com o Dom. Na sala, as paredes são cobertas com espuma acústica na cor preta e ornamentadas com os acessórios pendurados em ganchinhos, além da famosa faixa de vencedor do

*Mr. Leather Brasil 2017*²³. Nesse mesmo cômodo há ainda um sofá, uma estante com objetos decorativos incluindo alguns prêmios que o Dom já ganhou e também presentes que recebeu. O destaque do ambiente fica por conta de uma jaula enorme que fica encostada em um canto da sala e que cabe com folga duas pessoas confortavelmente. O Studio 57 possui também uma cozinha e um banheiro devidamente decorados, além de um quarto onde o Dom Barbudo guarda todas as suas famosas peças de vestuário de couro.

Assim que chegamos fomos recepcionados por Lupo, o submisso do Dom Barbudo que, quando está imerso no contexto fetichista, assume a figura de um cachorro. A dinâmica entre eles inclui os jogos de dominação e submissão e também o pet play.

Figura 20 - Dom Barbudo e seu submisso



Fonte: Arquivo pessoal do Dom Barbudo, 2022.

²³ O Mr. Leather Brasil é um concurso realizado pela comunidade Leather gay para eleger aquele que vai representar a cultura do couro durante aquele ano e representar o país nos concursos para Mr. Leather internacional. O Dom Barbudo foi o primeiro Mr. Leather do país em 2017. A segunda edição do concurso rendeu um documentário dirigido por Daniel Nolasco.

Lupo estava com sua máscara de cachorro, toda feita em couro, não trajava nenhuma roupa a não ser por um avental e tinha uma corrente de aço presa com um grilhão em uma de suas pernas. Ele ficou responsável por organizar todas as comidas e bebidas e servir os convidados e por isso a corrente era bem longa para que ele pudesse movimentar-se entre a cozinha e a sala. Lupo não falava, apenas obedecia aos comandos de seu dono e assentia com a cabeça quando falavam com ele.

Dom Barbudo, como sempre, estava trajando uma de suas roupas de couro muito elegantes e foi um excelente anfitrião, nos apresentando seu Studio e nos deixando muito à vontade para desfrutar daquele momento de confraternização. Apesar de todo o contexto fetichista, tratava-se de um encontro informal entre amigos para celebrar o fim do ano e, a não ser entre Lupo e o Dom Barbudo, não havia necessidade de protocolos. Quando Dom Barbudo queria chamar o Lupo, ele tocava um sininho e o seu cão vinha atendê-lo prontamente. Foi uma tarde leve e descontraída, onde conversamos tanto sobre BDSM quanto sobre amenidades de nossas vidas baunilhas.

Ao final do encontro, fomos todos embora juntos, inclusive Dom Barbudo e Lupo, pois eles não moram no Studio. Esse foi um momento bem interessante, pois ambos foram trocar de roupa e, com isso, despir-se dos seus personagens e retornarem às suas identidades civis. Eu fiquei bastante surpresa ao ver o Dom Barbudo fora dos trajes de couro, porque ele realmente deixa de ser o Dom para ser uma pessoa comum. A caracterização das roupas e acessórios de couro parece funcionar como uma máscara, onde ao trajá-la fizesse com que as pessoas assumissem uma outra personalidade. Seus trejeitos mudaram, sua expressão corporal mudou, o tom de voz antes altivo, agora tem um tom mais tímido e até o seu tamanho parecia diferente sem o couro. Aquele dominador imponente com cara de malvado já não estava mais ali. O mesmo aconteceu com Lupo que agora falava e já não tinha uma postura corporal de submissão.

Por mais que eu tenha consciência de que há o momento em que estamos dentro do personagem criado para vivenciar os desejos no âmbito do BDSM e que há o momento em que retornamos à realidade e que eu pratique essa transição, poder observar isso ocorrendo com o outro foi uma experiência prazerosa.

3 SINTO, LOGO EXISTO

Sobre as emoções, Rosaldo (1984, p.143) as define como “pensamentos de alguma forma ‘sentidos’ em rubores, ‘movimentos’ dos nossos fígados, mentes, corações, estômagos, pele. São pensamentos incorporados, pensamentos infiltrados pela percepção de que ‘estou envolvido’” (apud VICTÓRIA e COELHO, 2019, p.9).

Se o filósofo francês René Descartes travasse um diálogo com essa definição de Rosaldo nos dias de hoje, é provável que sua célebre frase “penso, logo existo” fosse adaptada para “sinto, logo existo”.

Nesse capítulo, já de posse de conhecimento teórico e empírico e após dois anos dedicados a explorar o universo do BDSM como *insider*, conhecer seus atores, vivenciar experiências únicas e colher um vasto volume de dados, chegou a hora de pôr o olhar de pesquisadora em ação e analisar o que todo aquele material tinha para contar.

3.1 Discursividades: identidade e o *self* social

Quando eu comecei a me aventurar pelo universo do BDSM eu não tinha uma identidade fetichista já delineada e nem sequer imaginava “vestir” uma personagem submissa. Absolutamente nada com o que eu me deparei durante esses anos me era familiar. Tudo me era apresentado e eu ia experimentando da mesma forma como se faz a introdução alimentar de uma criança.

O que eu tinha eram noções do senso comum sobre um meio de “permissividades libertinas” que, na minha cabeça, só pessoas muito evoluídas ou desprendidas de moral seriam capazes de vivenciar. No entanto, o que eu observei foi totalmente diferente dessa visão estereotipada que eu tinha. O meio BDSM que eu vivi na prática estava tão distante dessa noção do senso comum, quanto da realidade contada nos livros americanos sobre lutas por direitos e liberdades sexuais.

Logo nos primeiros contatos, ainda sem conhecer as “regras do jogo”, fui levada a ter que definir em que posição eu queria estar entre submissão e

dominação. Para quem está conhecendo esse espaço realmente do zero, como eu estava, essa é uma situação de coação e constrangimento e, apesar de hoje ter certeza da posição com a qual me identifico, posso dizer que eu, bem como a maioria das pessoas que se depara com essa imposição desinformada escolhe a submissão simplesmente porque é o lugar que você não precisa saber o que fazer, não precisa dominar uma técnica de manuseio de instrumentos, não precisa organizar uma prática e nem se responsabilizar pela condução de uma sessão. Fato este que pode ser corroborado pela quantidade de mulheres que em um primeiro momento se declaram submissas para atender a essa expectativa da comunidade e, mais tarde, assumem-se *switches* (aqueles que performam tanto no papel de submisso quanto de dominador). Em seu livro *Prazeres Perigosos*, Gregori corrobora esse pensamento:

Ao senso comum seria mais provável imaginar que existam muito mais dominadores(as) do que submissos. Outra das idiossincrasias interessantes dessas experiências é que ocorre justamente o contrário. É muito comum ouvir, no clube, uma queixa em relação à exiguidade de pessoas que ocupam essas posições. São muitas as atribulações das Rainhas, dos Mestres e das Mistress. A eles cabe inventar as punições, criar o material apropriado, não hesitar no controle às solicitações e provocações dos subs. (GREGORI, 2016, p.168)

Depois de escolhido o seu papel na dinâmica, a própria comunidade se incumbem de criar o seu *self* social e, assim, eu fui literalmente ensinada a ser submissa. Aos poucos eu fui aprendendo sobre regras e protocolos a serem seguidos, fui ensinada sobre como uma submissa deve se posicionar em público, em festas, como se dirigir aos outros membros da comunidade, e até como se vestir. Meu guarda-roupa de uma hora para a outra começou a escurecer com as novas peças de roupa que passaram a compor a minha nova identidade.

O filósofo americano George Mead forneceu uma importante contribuição para o entendimento sobre a construção do *self* e que aqui nos ajuda a compreender como essas identidades fetichistas emergem. Para o autor, o *self* se constitui em um processo, não sendo algo inerente ao indivíduo. Ou seja, é a partir das interações sociais e dos valores e símbolos socialmente disponíveis que a imagem do “Outro” determina a constituição da subjetividade do “Eu”. Assim, os pressupostos de Mead, que se aproximariam mais tarde do interacionismo

simbólico, propõem uma nova compreensão do sujeito, tendo como foco a vida social, onde o *self* não é restrito ao organismo individual, mas se fundamenta nas múltiplas interações sociais:

Essa obtenção das atividades amplas de qualquer todo social ou sociedade organizada como tal dentro do campo experiencial de qualquer um dos indivíduos envolvidos ou incluídos nesse todo é, em outras palavras, a base essencial e o pré-requisito para o desenvolvimento mais completo do *self* desse indivíduo: somente na medida em que ele toma as atitudes do grupo social organizado ao qual ele pertence em relação à atividade social organizada e cooperativa ou conjunto de tais atividades em que esse grupo como tal está engajado, ele desenvolve um *self* completo ou passa a possuir o tipo de *self* completo que ele desenvolveu. (MEAD, 1934, p.155)

As festas, *munches*²⁴ e encontros públicos também ajudam a moldar trejeitos, comportamentos e sensações. São nesses momentos que a comunidade avalia os novos membros, validando ou não a sua experiência. Assim, verifica-se se um dominador sabe usar um chicote, se respeita as áreas em que não se pode bater com um instrumento, se a submissa se entrega de verdade, o seu nível de masoquismo etc. As pessoas que realizam cenas públicas entram, então, nesse jogo performativo de vaidades e validação.

Esse processo foi elaborado por Erving Goffman que foca a compreensão da identidade em três elementos: o pessoal, o social e o ego, sendo a identidade social aquilo que os outros acreditam que nós somos:

As identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. (GOFFMAN, 1980, p. 116)

A partir disso, Goffman define as interações pessoais como sendo dramatizadas, ou seja, as interações possuem objetivos implícitos, nas quais a pessoa vai performar um papel de maneira que quem esteja assistindo acredite na mensagem/imagem que ele quer transmitir. Para ilustrar, tomemos novamente as cenas fetichistas públicas. Tais cenas são limitadas e não permitem, por exemplo, a penetração de genitais, mas ao conversar com os casais que fazem cenas publicamente, eles afirmam que suas sessões geralmente incluem sexo penetrativo.

²⁴ *Munches* são encontros e/ou reuniões sociais informais entre interessados nas práticas BDSM que podem ocorrer em locais privados ou públicos, mas não necessariamente em um ambiente estritamente fetichista.

Portanto, há ali uma encenação do que se quer mostrar e do que se quer esconder.

É também comum uma sessão BDSM bastante intensa terminar com um choro orgásmico da submissa, fato este que ocorria com frequência em minhas primeiras sessões e que ouvi no relato de muitas submissas, entretanto, nunca presenciei nenhuma cena pública em que alguém terminasse com lágrimas nos olhos.

Até aqui o que essa minha experiência me mostrou é que essas expressões de sexualidade relacionadas à dominação e submissão são, então, socialmente construídas, no entanto a construção do *self* social vai ocorrer de forma diferente para homens e mulheres, conforme explicam Bispo e Coelho sobre as ideias de Lutz:

Para ela, essas concepções girariam em torno de duas oposições: emoção/ pensamento e emoção/distanciamento. Na primeira oposição, a emoção é o polo negativo, atributo do feminino e desvalorizado por sua associação com o descontrole, fonte simultaneamente de perigo (para os outros) e de vulnerabilidade (para si mesma); já a razão seria o polo positivo, atributo do masculino e valorizado por sua relação com o controle de si e do mundo. Na segunda oposição, a valoração surge invertida: a emoção, ainda atributo do feminino, é agora potência de empatia e solidariedade para com a dor do outro, e é por isso mesmo valorizada; já seu oposto, o distanciamento, seria uma marca do masculino e falaria de indiferença, de “frieza” diante do sofrimento alheio, sendo por isso desvalorizado (BISPO e COELHO, 2019, p.3).

Em relação às submissas mulheres há um grande discurso que as orientam no sentido da interdição de afetos, já no caso de dominadores homens, sequer se pensa na possibilidade de um deles desenvolver laços de afeto. Por outro lado, aos dominadores é proibida a expressão de vulnerabilidades.

Bispo e Coelho afirmam, então, que o gênero e o controle são os eixos organizadores dos estudos em antropologia das emoções e recorrem mais uma vez à análise de Lutz para a compreensão da ligação que se faz entre o gênero feminino e o discurso das emoções:

Lutz (1990) discute o impacto da associação feminino-descontrole sobre a dimensão de poder que perpassa as relações entre os gêneros, sugerindo que no cerne da dominação masculina estaria, justamente, essa percepção do feminino como emocionalmente descontrolado e, por isso, potencialmente disruptivo e perigoso. Assim, nesse imaginário euroamericano, costuma-se relegar às mulheres o papel de “gênero emotivo”, identificadas também com o “irracional”, o “não-objetivo”, o “caótico”, o “privado”, entre outras características negativas ou mesmo vistas como positivas (“compadecimento com a dor”, “empatia”, “solidariedade”), as quais, porém, servem também ao exercício da

dominação e subordinação de gênero, afirma a autora (LUTZ, 1988, p. 68-69). (BISPO e COELHO, 2019, p.3)

Uma consequência que pode advir de uma sessão BDSM é um dos praticantes ter um *drop*. O *drop* é visto como fatores fisiológicos e psicológicos que levam a uma queda hormonal brusca e que causam transtornos físicos e psicológicos. Essa é uma situação que também pode ser desencadeada quando o cérebro de um dos praticantes faz uma conexão daquilo que ele vivenciou com algum trauma do passado experimentado por ele ou alguém próximo. Considerando que tanto quem recebe a ação quanto quem pratica a ação em uma dinâmica BDSM são seres humanos, teríamos que considerar que o *drop* pode acontecer tanto com a parte submissa como com a parte dominadora, mas não é isso que o discurso diz. Uma submissa ter um *subdrop* é considerado normal, afinal ela é a parte mais frágil, mas um dominador ter um *topdrop* já é inadmissível aos olhos da comunidade BDSM, pois demonstra descontrole, vulnerabilidade e põe em xeque a sua dominância.

Portanto, a emoção estaria para a fraqueza, assim como a razão estaria para o poder. Logo quem perde o controle da razão e se deixa tomar pela emoção está perdendo poder. Dessa forma percebemos a dimensão micropolítica das emoções para a qual Abu-Lughod chama atenção, bem como a potência da frase de Lutz que diz que “qualquer discurso sobre emoção é também, mesmo que implicitamente, um discurso sobre a identidade de gênero” (Lutz, 1990, p. 69).

O *insight* de que isso acontecia, de que eu não era a design da minha identidade, só veio a partir desse discurso de repressão das emoções. Além de toda a composição física e comportamental, espera-se ainda que haja esse controle das emoções nas relações BDSM, onde não só afetos não são bem-vindos, como demonstração de emoções, seja por parte de pessoas submissas ou pessoas dominadoras são vistos como fraqueza, sinal de quem não entendeu o BDSM ou sinal de que você não faz parte daquele universo de verdade.

E, dessa forma, é que a discursividade vai ditando a expressão das emoções, que respondem muito mais a imposições culturais para pertencimento a esse grupo do que a fenômenos internos, o que nos leva à constatação de que a expressão das emoções são construídas socialmente de acordo com o contexto cultural em que os sujeitos estão inseridos, conforme nos aponta Lutz e Abu-Lughod:

Em contraste com outras abordagens, a ênfase no discurso e no estudo das emoções nos mantém focados no fato de que as emoções são fenômenos que podem ser vistos como “interação social”, boa parte da qual é verbal. [...] O foco no discurso possibilita não somente uma intuição sobre o modo como a emoção, tal qual o discurso em que ela participa, é informada por valores e temas culturais, mas também uma intuição sobre como ela atua enquanto operador em campos conflituosos de atividade social, como ela afeta um campo social, e como ela pode servir enquanto um idioma para comunicar não necessariamente sensações, mas assuntos diversos, tal como o conflito social (cf. White, neste volume); papéis de gênero (Lutz, neste volume); ou a natureza da pessoa ideal ou desviante (Fajons, 1985). (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990, p.7).

Como mencionado anteriormente, é comum o discurso de que BDSM não é sobre sentimentos, que não é sobre amor romântico e que não se pode romantizar esse tipo de relação. Por outro lado, é característica bem quista em um (a) submisso(a) a admiração e devoção à figura dominante, falando-se, inclusive, sobre o nível de entrega de uma pessoa a outra, como se fosse possível a um terceiro mensurar isto.

Como a minha identidade submissa foi sendo construída juntamente com a minha relação de dominação e submissão, em um determinado momento eu fui levada a questionar essa verdade sobre os sentimentos: Como eu poderia me entregar e me dedicar, principalmente com o nível de risco e de confiança que práticas BDSM exigem sem desenvolver sentimentos pelo outro? Como dissociar desejo e emoção? Como negar que tudo que o BDSM me proporcionava eram emoções corporificadas?

A partir dali eu entendi que há dois mundos BDSM: aquele que se vive na intimidade de quatro paredes, onde seria possível libertar suas fantasias e fetiches, da forma como for acordado entre parceiros, não se limitando às regras e protocolos de convivência, e aquele que se vive em comunidade, com muitos condicionantes e interditos. E esse BDSM público não é sobre relações e conexões, nem de caráter sexual e nem de caráter emocional, mas sim sobre manutenção de estruturas de poder e hierarquia.

Embora haja sim dominadoras mulheres, elas estão em menor número quando comparado à quantidade de dominadores homens. Além disso, grande parte das dominadoras praticam a dominação de forma profissional, são as chamadas dominatrix ou Pró-Dommes, e, nesse caso, o fator que leva à construção de suas identidades dominadoras é o financeiro e não necessariamente a identificação sexual. Há inclusive cursos que ensinam mulheres a serem

dominadoras profissionais, sendo o mais conhecido o ministrado pela historiadora e escritora que foi dominatrix por 20 anos, Dommenique Luxor.

Assim, quando se prolifera o discurso de que um dominador pode ter várias submissas, que uma submissa só pode ter um dominador, que BDSM é contratual e não pode envolver sentimentos, o que se faz é perpetuar questões de gênero onde o homem é sempre superior à mulher. Muitos desses dominadores que discursam no BDSM público são casados e têm nas relações BDSM seus relacionamentos extraconjugais. Dessa forma, importa a manutenção de um discurso que interdite o sentimento de submissas e as coloque em um lugar que não ameace seus casamentos normativos e sua vida baunilha.

3.2 Costurando emoções

Diante da gama de emoções possíveis de serem analisadas e do limite de tempo de uma pesquisa de mestrado, meu primeiro impulso foi destacar os discursos emocionais que julguei mais relevantes de serem mencionados, tanto da minha vivência quanto da observação do outro, porém conforme fui estruturando a análise dessas emoções, percebi que não é possível falar de cada uma separadamente, pois elas fazem parte de uma mesma trama e, assim, as costurei neste capítulo para o entendimento das dinâmicas relacionais entre praticantes de BDSM.

Assim, os complexos emocionais enquanto fatos sociais, segundo a ótica de Durkheim, apontaram as tensões presentes nas relações entre os indivíduos e entre os indivíduos e a sociedade (manutenção de estruturas de poder, moralidades, questões de gênero, disputas de ego e de lugar de pertencimento) pautadas em regras de conduta e protocolos produzidos pelos próprios atores do meio.

O desejo, aquela emoção primeira, suscitou no escopo desta pesquisa uma série de outras emoções como medo, angústia, vergonha, culpa, compaixão, desprezo, nojo, empatia, sororidade, prazer, sofrimento, dor, humilhação, ressentimento, frustração, indignação, raiva, encantamento, amor, entre tantas outras que emaranhadas em uma mesma teia revelam os códigos de moralidade que concorrem dentro das relações BDSM.

As categorias emocionais medo e vergonha, assim como muitas outras

emoções observadas no contexto BDSM, aparecem tanto como algo desejado, quanto como algo não esperado. O medo se expressa no momento de consciência do perigo e ameaça à integridade do indivíduo, enquanto a vergonha é o momento de consciência da ameaça de ruptura dos laços sociais.

O antropólogo Mauro Koury diz que “a emoção medo é uma construção social significativa para a análise do social, e de que em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo se encontra presente como uma das principais forças organizadoras do social e da cultura” (KOURY, 2016, p.850). Dessa forma, percebemos que o medo é um importante instrumento de controle, ordenação e poder social.

O BDSM, mais uma vez na busca de subverter a ordem, “brinca” com o medo e a vergonha, transmutando-os em prazer. Dessa forma, os medos e vergonhas são negociados previamente entre os praticantes na hora do estabelecimento dos acordos. Isto porque há medos e vergonhas definidos como limites rígidos que devem ficar de fora de todas as dinâmicas por dispararem gatilhos de traumas e fobias. E há medos e vergonhas desejados pela forte adrenalina que causam e que culmina em satisfação.

Para fins comparativos, seria como se os adeptos de práticas BDSM buscassem a sensação gerada por uma montanha russa onde o medo e o pavor vão aumentando gradativamente na medida em que o carrinho vai subindo, atinge seu ápice quando chega no ponto mais alto e é esvaziado e substituído por um êxtase durante os poucos segundos da queda. No entanto, apesar de prever o perigo, há a consciência de uma pretensa segurança, que nesta comparação seria o cinto de segurança que protege e impede uma queda fatal.

Trazendo essa exemplificação para as práticas BDSM, um dos meus interlocutores relatou o quanto gosta de brincar com o medo do taser (arma de eletrochoque). A intensidade do pavor provocado apenas pelo barulho produzido pelo dispositivo é narrada como a mesma intensidade de satisfação. No acordo dessa pessoa com seu parceiro não estava incluso levar o choque de verdade, porque o prazer buscado estava no medo da ação se concretizar, mas não na ação em si. Nesse caso, assim como no exemplo da montanha russa, também há uma pretensa segurança, porém aqui baseada em uma outra emoção que precisa ter sido construída previamente que é a confiança no outro.

Assim como o medo, a vergonha também é desejada e passível de limitação durante os acordos BDSM. Um sujeito de pesquisa que sente prazer na vergonha proporcionada por uma outra emoção que é a humilhação, relata não ter quaisquer problemas com xingamentos e humilhações públicas, mas há um termo pelo qual ele não aceita ser chamado por remeter a memórias de um abuso e, portanto, este limite ficou estabelecido na negociação.

A humilhação, seja física ou psicológica, faz parte de uma grande variedade de práticas BDSM, tais como xingamentos, castigos, imobilizações, tapas, chutes e demais degradações físicas e verbais, sufocamentos, objetificação, bem como práticas de *golden shower* e *scat*²⁵. Essas duas últimas ainda provocam uma quinta emoção que é o nojo e que também tem seus adeptos.

Todas essas emoções fazem parte das dinâmicas de hierarquia e troca de poder. E embora não haja embasamento científico que comprove que um masoquista é necessariamente a pessoa que está abaixo (*bottom*) no jogo de hierarquia e que um sádico é obrigatoriamente a pessoa que está acima (*top*) nesse jogo, e que eu acredite por tudo que observei e presenciei que é possível um dominador ser masoquista, isso é algo que não se admite publicamente, porque o código moral estabelecido não permite que a figura dominante se coloque em qualquer posição que possa indicar alguma vulnerabilidade.

Os pares que compõem o guarda-chuva de práticas do BDSM nem sempre estão presentes ao mesmo tempo, isto é, uma pessoa pode se considerar um BDSMer por sentir prazer na dor, mas não ter qualquer fetiche com hierarquia, ou ainda justamente ter o prazer na hierarquia e nas relações de poder e não ter nenhuma atração pela dor. Porém, é comum os discursos de deslegitimação por parte dos membros do grupo quando alguém menciona não gostar de hierarquia. Essa pessoa sofre uma exclusão e passa a ser chamado de fetichista, como se fosse algo de menor valor, pois não há como manter as estruturas de poder entre iguais.

Tanto a humilhação, como a vergonha e o medo precisam da desigualdade para serem erotizadas. E, embora haja exceções, essas desigualdades acabam mostrando como as emoções são generificadas em razão das moralidades instituídas. A maioria dos meus interlocutores que relataram sentimento de culpa

²⁵ *Golden shower* é um fetiche em que um parceiro urina no outro e *scat* é o fetiche que envolve atos com a presença de fezes, seja passar fezes no parceiro, defecar no outro ou comer fezes.

em suas primeiras sessões BDSM foram mulheres. Eu mesma vivenciei essa culpa ao confrontar o que estava fazendo com os meus valores e crenças, como expus anteriormente. Não há como negar que o BDSM erotiza a violência, assim como satiriza convenções sociais, então quando uma mulher tem suas primeiras experiências como submissa e percebe que seu corpo sexual responde a estímulos de degradação, quando sai da sessão ela começa a confrontar aquilo que permitiu com a situação de tantas outras mulheres que são vítimas de abusos não consensuais. Algumas, inclusive, não conseguem prosseguir, mas a maioria precisa de um tempo para processar a diferença entre simular situações de violência dentro de um campo lúdico controlado e violências reais indesejadas.

Após ter a minha primeira sessão BDSM passei por um processo complexo e angustiante de dúvidas culpa e arrependimento, mesclados com satisfação, conforme relatei em meu diário pessoal:

Cada escolha pressupõe uma renúncia e, no momento em que o desejo tomou meu corpo e meus pensamentos, expurguei todos os outros sentimentos pudicos e me entreguei deliberadamente àquela experiência. Mergulhei numa imensidão sem lógica, para fora de tudo que minha consciência poderia ser capaz de alcançar. E ao desafiar as formas antes desenhadas, lancei-me no vazio de mim mesma e perdi toda a direção. Não havia mais um caminho certo a seguir, não havia nada diante de mim além da angústia provocada pelo excesso de possibilidades que agora eu poderia trilhar. Algo em mim morreu naquela noite e agora sou puro devaneio. Não ousou procurar respostas e verdades, mas as lágrimas denunciam minha inquietação.

Culpo minha ingenuidade por acreditar que tanta teoria daria conta de tão visceral realidade.

Tola!

Tento ignorar a dor, mas luto contra a minha indiferença. Atração, aversão, perversão são fragmentos da minha nova identidade.

Choro!

Um choro denso e intrigante. Teria a personagem dado conta daquela espetacular fantasia desejada? Seria mesmo um desejo ou euforia idealizada? Perco-me na fragilidade de minha convicção na ânsia de ignorar o abismo em que acabo de me lançar.

Respiro!

Falta-me o ar e sinto-me tão pequena e tão sufocada. Nó no peito e um peso como se algo tentasse esmagar minha existência.

Reviro as emoções e tudo é tão contraditório. Esforço-me para desvendar o caos que me assola. Se ainda há tanto querer em mim, se a ansiedade por um salto mais alto me corrói e não há arrependimentos em minha alma, por que essa estranha aflição? Se o simples ato de fechar os olhos me dá tesão e me transporta de volta, me fazendo virar mar, por que não me sinto completa e realizada? De certo há uma frustração em mim, por ter desejado tanto e ter deixado a desejar.” (Diário da autora, 2020).

É raro e eu mesma não ouvi nenhum homem relatar esse tipo de culpa, angústia ou aflição, mesmo os que se colocam na posição de submissão. Um homem que se coloca em uma situação de humilhação e se submete a um cárcere privado, por exemplo, não compara essa vivência com outros homens passando por isso de forma indesejada. O seu imaginário não está recheado de notícias de homens sendo abusados. Acerca da culpa masculina, Díaz-Benítez escreve:

Em se tratando de sexualidade, tenho percebido que as mulheres se arrependem mais facilmente por desejos ou por práticas que realizam e os homens mais facilmente quando essas mesmas práticas configuram um crime ou quando esse crime é descoberto e sujeito a punição ora pelo Estado, ora por algum outro tribunal da moral.” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2019).

Assim, culpa e arrependimento são complexos emocionais que são sentidos de maneiras completamente distintas por homens e mulheres. Essas duas emoções nas mulheres emergem de sua própria consciência, enquanto que nos homens é necessário que algo externo, como ser descoberto, aconteça para que a emoção apareça.

Com isso eu não pretendo afastar a possibilidade de abusos e violências reais dentro do BDSM. Elas existem como em qualquer outro âmbito e podem acontecer de forma não intencional ou premeditada. Por exemplo, se em uma sessão, a figura submissa profere a *safeword* e a figura dominante não cessa imediatamente a ação, fica estabelecido um abuso intencional. Já quando ocorre algo acidentalmente como uma chicotada que sai um pouco da direção e pega em uma parte do corpo que não deveria, isso faz parte dos riscos assumidos por quem aceita participar desse tipo de prática. De qualquer forma, os limites entre conduta consentida e abuso são muito tênues e facilmente borrados, uma vez que na grande maioria dos casos fica sujeito a interpretações subjetivas.

Outra emoção sentida de forma generificada pelo meio social, aqui nas relações de dominação e submissão é o afeto e o amor. Em um primeiro momento

chega a ser um interdito colocar amor e BDSM na mesma frase. Quando a questão é um pouco mais flexibilizada, ela é direcionada a mulheres submissas. Embora não seja desejado, a elas admite-se que se apaixonem, aos homens dominadores não. Isto porque há essa ideia de que paixão e amor são emoções que “cegam” e afastam de si a racionalidade. Se a razão passar longe, logo compromete o poder e a hierarquia e conseqüentemente torna um dominador mais vulnerável, o que é definitivamente rechaçado. “A emoção seria, portanto, o fracasso da vontade, um descontrole, uma imperfeição que se deve emendar, corrigindo-se seu rumo na direção de uma existência razoável” (LE BRETON, 2009, p.142). Presenciei muitos casos em que quando um dos parceiros se apaixonava, a relação era rompida para não comprometer as estruturas hierárquicas e litúrgicas da comunidade BDSM.

Tudo isso reforça o caráter socialmente construído das emoções que são ao mesmo tempo individuais e relacionais:

As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, e orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes. São formas organizadas da existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e singularidades individuais. Sua expressão está ligada à própria interpretação que o indivíduo faz do acontecimento que o afeta moralmente, modificando sua relação com o mundo de maneira provisória ou durável, seja por anos, seja por alguns segundos. As emoções traduzir a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos dos outros. Sua proveniência não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar. Essas duas dimensões alimentam conjuntamente a sociabilidade e assinalam ao sujeito o que ele deve sentir, de qual maneira e em quais condições precisas. (LE BRETON, 2009, p.145).

Além do desejo, outra emoção que move os indivíduos a ingressarem em quaisquer grupos, é a necessidade de pertença. E é em razão dessa emoção que muitas outras são moldadas ou se deixam moldar. Existem uma série de convenções para se fazer parte da comunidade BDSM e, para se enquadrar e pertencer, muitas vezes é necessário abdicar de sentimentos e crenças para incorporar os valores do grupo. Dessa forma, “todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas,

quer dizer, são linguagem” (MAUSS, 1979, p.153).

Esse caráter público da emoção aparece na categoria trabalho emocional desenvolvida por Arlie Russell Hochschild, onde ela acredita que os indivíduos por questões de sociabilidade administram suas emoções para atender a uma expectativa alheia, mesmo que não estejam realmente sentindo, como, infelizmente, ocorre em muitos relacionamentos onde a mulher finge um orgasmo para não decepcionar o parceiro.

No empreendimento do BDSM, o trabalho emocional é constante: aprendemos e nos condicionamos à maneira certa de nos portar, como sentir, como interagir publicamente e como expressar nossas afetividades. Há, então, toda uma teatralização do comportamento que precisa ser seguido aos olhos de seus pares, tais como *bottoms* não usam salto alto, não se sentam a mesa, não olham diretamente nos olhos de outros *Tops*, utilizam coleiras no pescoço caso possuam dono(a), bem como aprendem posições indicativas de sua submissão, como ficar de joelhos, posicionar as palmas das mãos viradas para fora em cima das coxas, dentre outros. E, nesse caso, há também uma performance da masculinidade que espera que um dominador não exprima sentimentos e nem demonstre fraqueza.

Hochschild percebe no ambiente profissional que são os padrões que determinam a cultura organizacional, enquanto os empregados precisam aprender o trabalho emocional, o que em uma perspectiva de gênero ligada ao BDSM mostra que os dominadores homens precisam administrar muito menos o trabalho emocional, bastando não demonstrar emoções, enquanto as submissas mulheres precisam aprender a sentir para que a performance pareça o mais real possível, sob pena de medição do seu nível de entrega e devoção.

No topo da classe alta estão os magnatas, os decisores imperiais. Eles assumem o privilégio de estabelecer pessoalmente as regras informais com as quais os subordinados se sintonizam avidamente, regras elaboradas para atender às suas próprias disposições pessoais. Suas noções sobre o que é engraçado, com o que tomar cuidado, como se sentir grato e como alguém deve ser hostil com estranhos se tornará uma cultura oficial para seus principais funcionários. Isso é mais do que uma licença para ceder à idiosincrasia emocional, pois as idiosincrasias dos impotentes podem ser felizmente ignoradas. É uma forma sutil e penetrante de dominar por meio da imposição de regras de sentimentos latentes aos subordinados (HOCHSCHILD, 2012, p. 155, tradução minha).

Da mesma forma que o amor, o luto pelo término da relação mais uma vez é

algo esperado da submissa mulher e interdito ao dominador homem. Há todo um discurso pensado em como a mulher deve agir durante a relação para minimizar a dor do sofrimento da ruptura daquele laço, tais como manter suas amizades, não deixar de lado hobbies e atividades individuais que promovam o bem-estar e ter uma rede de apoio de pessoas de dentro do meio. A ritualística do término de uma relação de dominação e submissão eu caracterizaria como cruel, pois a parte submissa precisa ir até a parte dominante entregar a sua coleira para que ele a destrua simbolizando o fim da relação, mesmo que quem esteja rompendo o acordo seja a parte dominante. Alguns adeptos da leva mais recente de praticantes fazem campanhas por uma conduta de encerramento mais ética que promova um “desmame” do condicionamento que foi criado e onde a figura dominante “devolva” aos poucos ao submisso a capacidade de tomar suas próprias decisões. Seria, talvez, desfazer todo o trabalho emocional investido até ali, aos moldes do que propõe Hochschild e redirecionar os esforços na construção de novos complexos emocionais.

Portanto, o que essa pesquisa mostra é que as emoções não só são sentidas de maneiras diversas seja por homens ou mulheres, seja por culturas diferentes, mas que, principalmente, elas são aprendidas e construídas com base em valores vigentes e para atender às expectativas da sociedade da qual fazem parte na busca de aceitação e pertencimento.

3.3 Emoções corporificadas

Deixei para tratar em um capítulo separado os complexos emocionais que acredito serem os primeiros que vêm à mente quando se pensa em BDSM e sadomasoquismo: dor e prazer; dor e sofrimento; sofrimento e prazer. Porém, antes preciso esclarecer o que eu estou aqui chamando de emoções corporificadas, uma vez que todas as emoções acontecem no corpo.

Enquanto alguns teóricos entendem o corpo como objeto de reflexão e pensam no simbolismo do corpo, Thomas Csordas acredita que esse pensamento leva a crer que toda relação com o corpo está no campo mental e vai chamar a atenção para a materialidade dos corpos, isto é, um corpo que sente dor, que adocece, que tem sensações físicas. Csordas entende o corpo como a base

existencial da cultura e da vida social, uma vez que a vida social se constrói a partir de pessoas e essas pessoas são seres encarnados, que vivem as experiências em seus corpos.

Partindo desse pressuposto, proponho aqui dividirmos as emoções em duas categorias: as emoções simbólicas e as emoções corporificadas. O corpo simbólico é construído dentro da ludicidade dos jogos BDSM, enquanto o corpo material é submetido a práticas concretas e, a partir daí emergem as emoções corporificadas. Dessa forma, as emoções corporificadas serão aquelas sentidas no corpo encarnado, no corpo material, no corpo físico, enquanto as emoções simbólicas serão sentidas no corpo simbólico.

Quando falamos de BDSM, o imaginário coletivo remete a algemas, chicotes, cordas e correntes, mas está nos corpos o instrumento mais importante para seus adeptos. Para os BDSMers o corpo tem seu valor material chegando a ser comparado muitas vezes a telas onde o “pintor” (no caso o *Top*) irá imprimir sua “arte”, e seu valor simbólico como nos jogos de poder, onde um *bottom* escolhe submeter-se e acatar aos comandos de um dominador.

Se por um lado, para enquadrar-se em uma nova caixinha o corpo parece estar mais uma vez sendo domesticado através da necessidade de performar um estereótipo, é nas práticas sadomasoquistas que o indivíduo detentor dessas sexualidades busca a autenticidade dos seus corpos. É através da mistura entre dor e prazer e das marcas que algumas práticas deixam no corpo que o sujeito toma posse do seu corpo na busca de uma identidade autêntica que fuja ao padrão.

Francisco Ortega escreve sobre a formação de identidades através das modificações corporais, nos apresentando de um lado as modificações corporais que buscam seguir um padrão identitário e do outro aqueles que buscam a diferença subjetiva numa tentativa de recuperar o vivido no corpo. Para os praticantes de BDSM, então, as práticas dolorosas que deixam marcas, algumas reversíveis, como as deixadas por instrumentos como chicotes, floggers, cintos, palmatórias, outras irreversíveis, como o branding e a escarificação, são utilizadas não apenas na busca de prazer sexual, mas também na construção de uma identidade. Sejam marcas reversíveis ou não, elas são exaltadas e exibidas com orgulho, porque elas remetem a uma experiência real vivida no corpo, um corpo sob o qual os indivíduos têm agência.

Assim, Ortega vai dizer que quando a cultura contemporânea promove os

comportamentos livres de riscos, causa uma perda na biosociabilidade. A perda de laços sociais, dentro de um mundo efêmero, gera um sentimento de insegurança nos sujeitos que recorrem às modificações corporais como forma de preservar suas identidades:

O investimento no corpo é uma resposta à desagregação dos laços sociais, ao afastamento do outro e à perda de valores e significados coletivos que estruturavam o mundo simbólico do indivíduo. A contingência e perda das âncoras tradicionais para o self criam um sentimento de insegurança que levam à procura da realidade na marca corporal. Quanto mais acreditamos na contingência mais temos a necessidade de recorrer a alguma coisa que se apresente como real, como permanente em um mundo de impermanência, um suporte para o self, "uma superfície protetora contra a incerteza do mundo", "uma proteção simbólica contra a adversidade", à qual as modificações corporais parecem oferecer uma resposta. (ORTEGA, 2008, p. 57).

Dessa forma, as marcas tão buscadas nas relações BDSM, assim como nos mostra Francisco Ortega, representam a ilusão da ruptura com a ordem simbólica, que leva a uma nova relação com o real. Então, quando o simbólico não produz mais a ordem social, ele é encarnado e a realidade é materializada no corpo, dispensando qualquer interferência do outro, levando a sensação de propriedade do próprio corpo, onde "ter um corpo" é mais importante do que "ser um corpo".

No texto abaixo eu reuni trechos de relatos de Hera descrevendo minuciosamente suas experiências com a dor e como esta se metamorfoseava em prazer:

Meu Mestre me colocou em um canto da parede e por detrás de mim, começou a passar a mão no meu corpo. Lembro de sentir sua respiração no meu pescoço e de suas mãos agarradas no meu cabelo. Aquilo acendeu meu desejo, mas então ele parou. [...] Mestre fala de BDSM fazendo uma analogia sobre o mar e nesse momento eu posso dizer que eu estava nadando calmamente em direção ao alto mar e em breve seria puxada para baixo com alta velocidade. [...] Ali estava eu, com os braços esticados, a cara no chão e a bunda pra cima. Eu não fazia a menor ideia de onde o Mestre estava, menos ainda o que ele estava fazendo. Senti de novo a minha bunda arder e de novo e de novo. Eu sentia a dor e sabia que ia sentir. Eu já esperava por ela. E o Mestre bateu mais algumas vezes e então tudo aconteceu... Meu corpo entrou em um estado de puro êxtase. Eu sentia o suor em minhas mãos, em minhas costas, sentia o Mestre bater e bater novamente e naquele momento, o planeta parou de girar. Foi como se o resto do mundo simplesmente tivesse parado de existir. Como se absolutamente tudo tivesse simplesmente desaparecido. Não havia tempo. Não havia medo. Não havia desejos. Não havia mais aquela necessidade, que todo ser humano tem, de ser especial de alguma maneira. Não havia angústia, nem ansiedade, nem pesos, nem cobranças, nem nada. A única coisa que existia naquele momento era aquela sensação. Era isso. Eu finalmente me permiti sentir, o que era

existir. [...] Ouvi o barulho dele tirando o cinto. Senti a primeira cintada e meu corpo tremeu. [...] A terceira e quarta, posso dizer que foram as dores mais fortes até agora e eu gemi. Aquele som da cinta na carne. Aquele lugar... de joelhos. A ardência. [...] Esse foi o meu orgasmo mental. A dor subiu da minha bunda e passou por toda a minha coluna chegando na nuca como um arrepio gelado, ao mesmo tempo que, era como se houvesse um fogo aceso em torno de mim, queimando sem parar. Neste momento, posso analogamente (utilizando a metáfora do Mar do meu Mestre) representar como aquelas cenas de filmes, onde alguém se solta no mais profundo oceano e apenas afunda. Um local inabitado, inóspito, imenso, sem ar e sem fim. Nunca estive ali e ao mesmo tempo me pareceu absurdamente familiar. Me senti cheia da mais inesperada, perfeita e completa... paz. Uma sensação nova. Desconhecida. Aquele era um lugar onde eu podia ser exatamente tudo o que eu sempre lutei contra. Lá foi onde o vazio que eu sempre senti se tornou preenchido. Aquele nada que eu sempre temi ser, se apossou da minha mente e eu não senti mais medo. Eu estava exatamente aonde eu deveria estar. [...] Eu senti como meu corpo vibrou com o barulho da fivela. Eu tenho realmente o maior fetiche por cintos. “Está preparada?”. E respondi: “Uhummm”. Ele agarrou meu cabelo e bateu na minha cara. “Eu não ouvi. SIM SENHOR, você disse?”. E eu: “Sim Senhor, sim Senhor, Mestre”. Ele abaixou minha cabeça novamente e veio a primeira cintada. Dei um urro. A segunda e a terceira. Mestre passou a mão na minha bunda enquanto eu respirava ofegante. “Muito bom”. Novamente. Quarta, quinta e sexta. Minha carne queimava. Ardia como fogo. Sétima. Oitava. Nona. Meu corpo se contorcia, eu mexia a perna de lugar e gemia alto. “Postura, mantenha a sua posição”. Eu voltava pro meu lugar. Testa na bancada. Pernas abertas. Bunda pra cima. Décima. Décima primeira. Décima segunda. A dor vibrando no meu corpo. Um grito baixo. Eu não ia mais contar. Estava tudo indo embora. O tempo já estava parado. “Está ficando quente”, disse o Mestre passando as mãos na minha bunda. Quando ele me tocava era como se ele ultrapassasse os limites da minha pele. Era como se ele estivesse tocando meus músculos, meus ossos e até a minha alma. [...] A cada batida, o som da cinta na pele ficava mais alto. Os meus gritos e gemidos ficavam também mais fortes. “Solte tudo. Neste momento deixe tudo sair. Você não precisa segurar mais nada”. As lágrimas começaram a se acumular nos meus olhos e as cintadas iam e vinham. “Deixe as lágrimas saírem. Deixe tudo sair”. Então os olhos ficaram mais cheios e eu deixei escorrer apenas uma. Apenas uma lágrima. Eu não ia chorar. Eu não ia ser fraca. A dor ia fazer tudo sumir. Eu não podia chorar. Eu tinha que aguentar firme. Mais algumas cintadas e a troca de mundo aconteceu. Ali estava eu. No grande e infinito nada. Minhas pernas começaram a tremer freneticamente, meu corpo se contorcia e eu sentia o fogo e o gelo. Eu estava livre. Eu era do tamanho de um grão de areia no meio de uma praia enorme. O leve vazio tomou conta de cada centímetro da minha existência e a respiração acalmou. Eram como se ondas de prazer e alegria corressesem no lugar do sangue das minhas veias. Ali era onde eu queria estar. Ali era o meu lugar. Veio mais uma série de cintadas e eu apenas sorri, pois nada doía mais. Não tinha dor. Não tinha medo. Não tinha fraqueza. Nada. [...] a mão forte e poderosa da realidade me puxou com força do mundo dos sonhos e eu me ergui. A dor foi insuportável. Era como se fosse a primeira cintada da minha vida. “Você quer mais?”, “Sim Mestre”. Com dificuldade eu voltei à minha posição e a próxima cintada atravessou os meus limites e eu novamente levantei e me encostei na parede de pé, com a cara em alguma coisa de madeira. Devia ser o batente da janela. “Fique assim”. Eu obedeci. Eu fiquei ali nesta posição, no escuro, respirando, sentindo a dor na minha pele e o alívio que ela trazia. Sentindo meu coração palpitar, minhas mãos suarem e minhas pernas tremerem. E sem pensar, comecei a lamber aquela coisa de madeira na minha frente. Como era confortável fazer isso. Era como se eu

pudesse de alguma maneira extravasar meu afeto com os lábios. [...] a dor percorria do meu pé até meu último fio de cabelo e eu gemia e me contorcia. Quando a dor aliviava eu voltava a lamber [...] Minha bunda toda marcada, minhas pernas tremendo e minha verdadeira submissão exposta como um quadro na parede. Fui tirada do meu devaneio pelo Mestre, que ao colocar a mão em mim, novamente invadiu a minha alma e me gerou as mais diversas sensações possíveis. Meu corpo estava extremamente sensível e eu tinha a sensação que eu ia gozar somente com o toque da sua mão na minha barriga. Ele mal relava as pontas dos dedos e era como se estivesse sendo tocada por um Deus. Era como se eu sentisse a sua energia, as ondas de vibração da sua mão. Tudo era muito intenso. Ele contou lentamente de 7 à 1 enquanto suas mãos me tocavam e eu tive um orgasmo. Mas ele foi mental. Quase que poético. Minhas pernas fraquejaram. Eu queria me ajoelhar aos seus pés. Suas mãos, então, tocaram meus seios e ele puxava meus bicos. Era como se ele realmente estivesse dentro do meu corpo. Ou como se ele próprio fosse o meu corpo. Não saberia explicar. Eram cordas invisíveis em uma marionete. Eu era a marionete. Nesse momento, procurei seus lábios com os meus. Senti o calor que saía deles. Cheguei bem próximo. “Eu não te dei permissão” disse ele se afastando. Naquele momento eu tive vontade de chorar. Ali sim, meus olhos encheram de lágrimas. Sentir o meu Mestre com a boca era tudo que eu mais queria. Respirei fundo e não deixei o choro escapar. Eu não tinha que querer nada. [...] Meu corpo precisava extravasar. Dessa vez era físico. Eu precisava sentir algo físico. A parte difícil de estar se libertando para ser a vadia que meu Mestre deseja, e a necessidade física que acompanha o título. O tempo em que me privei dessas sensações se acumulou lentamente em cada segundo que vivo agora e minha necessidade de servir ao meu Mestre se assemelha ao uso de uma substância química: extremamente viciante, porém diante de sua ausência, uma abstinência dolorida. Gozar é algo que somente pode acontecer quando o meu Mestre permitir, então decidi ir correr. Talvez a dor do exercício controlasse meu desejo. Cada vez que sentia a dor dos músculos se contraindo, vinham em minha cabeça as cenas em que estive com o Mestre, eu lembrava da ardência dos tapas e a dor muscular passava. Não! Não era isso. Eu queria sentir aquela dor. Eu precisava. Eu controlo muito melhor minhas emoções, abafando elas através de uma dor real. E era disso que eu precisava. [...] segui para o banho. No que a água caiu sobre mim, eu percebi o quanto meu corpo estava sensível. Meus seios se arrepiaram apesar da água morna e eu decidi tirar proveito disso. Eu só não poderia gozar, mas poderia dar ao meu corpo o que ele precisava. Sensações. Fechei os olhos e apenas comecei a sentir através do contato com a minha pele, a maciez da ponta dos meus dedos ou a dureza da palma da minha mão. Nunca ia ser como a mão do Mestre, mas já era alguma coisa. Brinquei de sentir os efeitos da leveza ou do peso em cada centímetro do meu corpo. E ele reagia se arrepiando e me fazia ficar mais molhada e quente. Eu latejava. Lembrei das palavras do Mestre: “A pele é o maior órgão do nosso corpo e através dele, se produzem sensações maravilhosas que geram memórias”. Sim. Quando eu tocava em lugares que o Mestre tocou, ele estava ali. No cabelo. Na nuca. No pescoço. Na cintura. Na bunda. Na parte interna das coxas. Nos seios. Cada detalhe era um quase um orgasmo mental. Eu estava finalmente relaxando. Não havia mais no que pensar. Nem no que querer. Eu estava de volta ao meu lugar. Eu apenas me toquei intimamente para me lavar e a vontade de me demorar era grande, mas de longe não foi a mais prazerosa. A vulnerabilidade do meu corpo me pareceu muito mais interessante, do que aquela explosão de prazer já esperada após uma masturbação. Apenas obedeci e tirei as mãos de mim. Aquela parte não era mais minha. Agora é dele. Eu sou dele e tudo que a mim antes pertencia, hoje não pertence mais. Esse era o prazer que eu precisava sentir. (O DIÁRIO DE HERA).

Através do relato de Hera fica perceptível a diferença entre a dor afetiva (emoção simbólica) e a dor física (emoção corporificada). A dor física estava sendo desejada, esperada e transmutada em satisfação e, portanto, quaisquer sofrimentos que pudessem advir dela eram ressignificados como prazer. Ao contrário disso, a dor afetiva, que pôde ser percebida no momento em que lhe é negado um beijo e seus olhos enchem de lágrimas, gera um sofrimento, uma vez que está fora do alcance de sua agência reconfigurá-lo.

Le Breton define a dor como sendo uma construção unicamente social e cultural, uma construção de sentidos e significação, onde a biologia teria um papel secundário no entendimento da experiência da dor. Assim, as dores que se impõe no cotidiano humano, como, por exemplo, doença e acidente e deixam o indivíduo impotente do ponto de vista de sua agência implicam um grande sofrimento. Enquanto as dores escolhidas, como são os casos do esporte, transformações corporais, como piercing e tatuagem, rituais de passagem e as práticas BDSM consentidas não causam sofrimento ou se causam ora são atenuados e minimizados pelo contexto, ora são ressignificados e transmutados pela capacidade de agência do indivíduo.

Le Breton ainda chama atenção para os casos em que a dor física enquanto emoção corporificada é utilizada justamente para aliviar o sofrimento de uma emoção simbólica e isso é bastante comum no BDSM como pudemos observar no relato de Hera. No ápice da dor física ela chega a um estado mental onde sensações de medo e vazio desaparecem e ela sente que é dona da agência de seu corpo e de sua vida a ponto de poder escolher submetê-lo a um terceiro. Assim, a dor é evocada na confrontação com o mundo como forma de dizer a si mesmo e aos outros que se sentimos dor, estamos vivos. Escolhe-se, então, experienciar uma dor corporificada que pode ser controlada para combater uma dor simbólica da qual não se tem controle.

Portanto, com a dor, assim como em outras emoções percebemos que são os fatores sociais e culturais que irão dar sentido àquela emoção, não sendo então algo da esfera íntima e individual, mas uma construção coletiva, uma vez que a cultura afetiva desenvolve-se e constitui-se de forma diferente de uma sociedade para a outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar no universo do BDSM eu esperava me deparar com um espaço libertário para a fruição dos prazeres, mas não demorou muito para que eu começasse a me dar conta de que uma tensão margeava os discursos por liberdade sexual.

Em busca de legitimidade, da busca de um olhar menos preconceituoso, despatologizante e que não os tomasse como pervertidos, os próprios membros do meio BDSM foram criando regras, protocolos e uma série de classificações. Com isso, o que poderia ser um espaço mais disruptivo, acabou por incorporar e reproduzir moralidades, cisheteronormatividades, machismos, dentre outros comportamentos que operam por exclusões sociais, reforçando e mantendo hierarquias e relações de poder e gênero.

A necessidade de estabelecer o que é certo ou errado e se apoiar na bandeira do consentimento deixou as relações BDSM excessivamente performáticas e ritualizadas. Acerca dessa performatividade sexual, podemos recorrer ao entendimento de Butler:

O “sexo” é sempre produzido como uma reiteração de normas hegemônicas. Essa reiteração produtiva pode ser lida como uma espécie de performatividade. A performatividade discursiva parece produzir aquilo que nomeia, tornando realidade os próprios referentes, nomeando e tornando realidade, nomeando e produzindo realidade. Paradoxalmente, no entanto, essa capacidade produtiva do discurso é derivativa, é uma forma de iterabilidade ou rearticulação cultural, uma prática de resignificação, e não uma criação ex nihilo. De modo geral, os atos performativos produzem aquilo que declaram. Como prática discursiva (“atos” performativos devem ser repetidos para se tornarem eficazes), as sentenças performativas constituem o locus de produção discursiva. Nenhum “ato” pode exercer o poder de produzir o que declara separado de uma prática regularizada e sancionada. Com efeito, um ato performativo separado de um conjunto de convenções reiteradas e, portanto, sancionadas, só pode se manifestar como um esforço vão de produzir efeitos que possivelmente não possa produzir (BUTLER, 2019, p. 191).

Dessa forma, percebemos como as clivagens vão se ancorando em performatividades para criação e manutenção de uma identidade. E, assim, pude identificar nessa cena aquilo que John Gagnon chamou de scripts ou roteiros sexuais que vão se configurar nesse conjunto de comportamentos que orientam as performatividades. Marília Loschi de Melo em sua dissertação acerca da

sociabilidade em festas BDSM já havia identificado os pressupostos de Gagnon e os aplicados ao campo:

Os roteiros sexuais aplicados ao campo mostram uma indisfarçável representação de gênero convencional – baunilha – que divide o mundo BDSM não apenas em tops, bottoms, switchers ou podólatras, mas também em homens e mulheres, opostos inconfundíveis, sem margem para nenhuma outra categoria nativa intermediária. Cabe a cada gênero um tipo de performance esperada, que se combina às performances D/s para gerar uma multiplicidade de possibilidades de comportamentos que, como coloca Gagnon (2006:124), são ao mesmo tempo complexos e nada aleatórios. A partir de conversas sobre como as pessoas se preparavam para ir às festas, como escolhiam suas roupas e o que esperavam ver os outros vestindo, chamou atenção a uniformidade no posicionamento, quanto aos modos de se vestir, baseado em uma divisão sexual. Aos homens, cabe a discricção; às mulheres, o brilho e as roupas mais chamativas ou provocantes. (Melo, 2010, p. 92).

Ao perceber que essas performatividades eram ditadas por condutas, formas de se portar, formas de interagir, formas de sentir e que por trás disso tudo o que se enxergava era como as moralidades construía esse universo, resolvi utilizar a abordagem das emoções para descortinar as relações e os sentimentos vivenciados nas dinâmicas BDSM, o que fiz em perspectiva autoetnográfica.

Partindo do entendimento do desejo enquanto primeira emoção que me lançou numa busca por autoconhecimento, vi uma série de emoções surgirem e se desdobrarem umas a partir das outras revelando um verdadeiro complexo de sentimentos morais. E eu vivi todas as emoções com o maior grau de intensidade possível, desde o primeiro encantamento até a última frustração.

Wiseman no início de SM101 descreve a sua comunidade BDSM:

Como todas as comunidades, somos muito variados. [...] Temos nossos líderes e nossos seguidores. Dentro desta comunidade, as pessoas fazem amigos e inimigos. Dentro desta comunidade, as pessoas iniciam relacionamentos românticos e os terminam. Dentro desta comunidade, as pessoas fofocam, flertam, reclamam, abraçam, conspiram, inventam, apunham pelas costas, comemoram e às vezes choram (WISEMAN, 1998, p.6, tradução minha).

Foi a partir da percepção de interditos das minhas próprias emoções que eu entendi que todas essas coisas que Wiseman descreve estavam ali como um espelho da moral social refletindo processos de socialização, onde questões de poder e gênero não escapam. Embora, no discurso, as relações BDSM não sejam baseadas no binômio homem/mulher, mas na assunção dos papéis *top* ou *bottom*, isso não condiz com a prática que tem as performances de feminilidade e

masculinidade bem delineadas.

Às mulheres a bissexualidade não só é aceita como é bem-vinda, uma vez que pode facilitar a interação entre as “irmãs de coleira”, o que torna um “reinado” harmonioso. Já a bissexualidade masculina ou não é amplamente assumida ou fica restrita à percepção de que se trata de homens gays que não se assumiram enquanto tais.

Quando um homem é declaradamente gay dentro da comunidade BDSM, para não sofrer qualquer discriminação, ele automaticamente é enquadrado na comunidade *Leather*, que tem no fetiche pelo couro uma grande maioria de homens gays. Esse nicho da comunidade BDSM é respeitado, mas ao mesmo tempo ainda se percebe uma segregação que se evidencia nos espaços de sociabilidade e festas que quase nunca se misturam, apesar dos reconhecidos esforços de figuras como Dom Barbudo e Heitor Werneck em reunir os adeptos.

Papéis de gênero são a todo momento reforçados e percebidos na distinção que se faz entre as submissas recatadas e as submissas exibicionistas, sendo as recatadas o modelo exemplar e as exibicionistas o modelo que pode ferir a reputação da comunidade aproximando-a de outras comunidades como a dos adeptos de swing, o que seria inaceitável, uma vez que a liturgia BDSM não comporta excessos. Aquilo que se exclui do BDSM público e se condena como excesso gera uma “higienização do sexo” claramente percebida no discurso de que BDSM não é sobre sexo, mas sobre poder.

A noção de que BDSM não é sobre sexo advém da intenção de tornar tudo aquilo que é ligado a sexualidade o mais estéril e higiênico o possível. Em uma sociedade em que tudo que é ligado a sexualidades não-normativas é depravado, indecente, imoral e doentio, tentar afastar o BDSM disso, parece uma saída lógica: BDSM não seria sobre sexo, desejo, vontade, tesão, prazer, gozo; seria sobre entrega, respeito, responsabilidade, compromisso. Não é sobre depravação, indecência, imoralidade e patologia; é sobre um punhado de valores gloriosos, respeitáveis e bem intencionados. [...] Por trás da lógica de separar BDSM e sexo, o que impera é a higienização das práticas. (MARGOT, 2020).

A preocupação com o olhar do outro, com a forma como serão vistos e interpretados permeia toda a experiência BDSM. O medo da reprovação tanto de seus pares (reconhecimento social na comunidade) como da sociedade que olha para o desvio balizam as performances que criam os interditos, fazendo daquilo que se vê publicamente nas relações uma grande encenação teatral com início, meio e

fim meticulosamente demarcados. A nudez para ser bem vista precisa ser atrelada à arte, precisa do componente estético. Estética essa que também espera-se ver nas performances públicas para compor um erotismo apreciável.

A cena para ser aclamada precisa de uma narrativa esteticamente construída como foi o caso da celebração de aniversário da D/s em que a submissa foi açoitada com um buquê de rosas contendo o número exato de anos de relacionamento. Ninguém quer ver publicamente uma cena sadomasoquista que remeta à exibição de uma matéria de jornal que mostre uma violência doméstica.

Esses afastamentos e aproximações que o BDSM busca também mostram um tipo de fissura, que não se limita àquilo que ultrapassa as fronteiras da consensualidade e do abuso que constitui uma violência, tal qual nos apresentou Díaz-Benítez, mas também revelam as fissuras de imagem, as fissuras daquilo que se permite ou não ao outro conhecer de si e da própria comunidade:

Assim como as festas são bastidores da vida baunilha, o retorno à vida baunilha também é bastidor para as festas. Fora das festas, BDSM e vida baunilha se misturam – e, ironicamente, isto é um “momento baunilha”, íntimo, pessoal, que não diz mais respeito ao grupo mas que não se desvincula definitivamente dele. É quando se podem transgredir categorias identitárias, agir sem preocupação com reputação e viver o BDSM de forma mais flexível em relação aos manuais de técnicas e etiquetas, regulando sua prática segundo acordos que, embora de algum modo referidos aos códigos compartilhados, reservam um espaço maior para as negociações individuais. É também onde dominadores podem ser podólatras, onde rainhas podem ser tratadas como “cachorras”, em que ser switcher não tem problema algum. Intimidade que retorna à vida pública das festas sob forma de fofocas e boatos, quando um dominador aparece com sua escrava na coleira e, logo depois de passar, ouve-se sobre o que ele faz “lá fora” (Melo, 2010, p. 115).

Existe uma tentativa de homogeneização de identidades velada nas regras e protocolos na expectativa de produzir a submissa exemplar, o dominador ideal ou o verdadeiro sadomasoquista e todas essas personagens fetichistas são socialmente criadas através dos valores morais comuns ao grupo. Não argumento, assim, que tenha vivido, ou mesmo observado, uma sexualidade dominadora ou uma sexualidade submissa, mas sim, observei nesse estudo a capacidade individual de conformar comportamentos e emoções segundo um viés ou outro.

Portanto, arrisco-me a dizer que o que leva uma pessoa a não intencionar seguir ou desistir de uma “carreira” BDSM, no sentido do envolvimento com esse BDSM público (e não em sua vida privada) é o paradoxo que se estabelece entre a necessidade de performar um desvio palatável e os interditos dos desejos

individuais. Assim, busquei nesta pesquisa mostrar como a expressão das emoções é histórica, cultural e socialmente construída dentro das relações de dominação e submissão e as moralidades que estão por trás dessas construções.

Essa pesquisa, no entanto, está longe de ser conclusiva e gerou muitos desdobramentos que podem ser abordados em pesquisas futuras, tais como o imperativo da heterocisnormatividade evidenciada no campo e suas consequências nas dinâmicas de masculinidade e feminilidade. Nesse contexto podem ser explorados os tipos de masculinidade esperados por uns e almejados por outros, a hipermasculinidade vista como um fetiche e a hipermasculinidade vista como machismo, bem como os padrões de feminilidade com os quais se busca uma aproximação ou um afastamento.

Outro aspecto que pode ser explorado no âmbito dessa pesquisa diz respeito à corporeidade, ainda como reflexo do padrão heterocisnormativo, uma vez que a teoria aponta o meio BDSM como um meio transgressor, mas o que se vê nas publicidades do mercado erótico são corpos de mulheres magras, bem torneados e, em sua grande maioria, brancos. Para além disso, é possível abordar as questões ritualísticas e litúrgicas presentes nas práticas fetichistas e a importância das técnicas e dos sentidos para a performatividade BDSM.

Sendo assim, essa pesquisa buscou descortinar e mostrar aquilo que as máscaras dos fetiches não mostram através de um viés ainda não abordado que foi a perspectiva autoetnográfica e, com isso, espero ter contribuído para que outros pesquisadores encontrem nesse material a imaginação sociológica de que precisam para dar continuidade a este trabalho.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life. In: _____ (eds.), *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ADAMS, Tony; ELLIS, Carolyn; JONES, Stacy. *Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series*. New York, NY: Oxford University Press, 2015.

BALDWIN, Guy. *Ties that bind*. Los Angeles: Daedalus Publishing Company, 1993.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. tradução de Antônio Carlos Viana, Porto Alegre: L&PM, 1987.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

BISPO, Raphael; COELHO, Maria Cláudia. *Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções*. Cadernos de Campo, v. 28, n. 2, 2019.

BOCHNER, Arthur; ELLIS, Carolyn. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (orgs.). *Handbook of qualitative research*, Thousand Oaks: Sage, 2000, p.733-768.

BORGUES-BARBOSA, Raoni. *Descrição, medo e vergonha: Uma etnografia da emergência da sensibilidade moderna no urbano contemporâneo brasileiro sob a ótica do luto*. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad, n. 23, ano 9, 2017.

BRONSKI, Michael. A Dream is a Wish Your Heart Makes: Notes on the Materialization of Sexual Fantasy. In: THOMPSON, Mark (ed.). *Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics, and Practice*. 3. ed. Los Angeles: Daedalus Publishing, 2004. Disponível em: <<https://medium.com/bdsm-ed/um-sonho-%C3%A9-um-desejo-do-seu-cora%C3%A7%C3%A3o-notas-sobre-a-materializa%C3%A7%C3%A3o-de-fantasias-sexuais-ba204512f9bb>>. Acesso em: março de 2021.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. 1. ed. New York: Routledge, 1993.

_____. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHANG, Heewon. *Autoethnography as method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

COELHO, Maria Cláudia; DURÃO, Susana. *Introdução ou como fazer coisas com emoções*. Interseções, v. 19, n. 1, p. 44-60, 2017.

COELHO, Maria Cláudia; REZENDE, Cláudia Barcellos (org.). *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Faperj: Contra Capa, 2011.

CSORDAS, Thomas. A corporeidade como um paradigma para a antropologia. In: *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DA MATTA, Roberto. Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, E. (org). *A aventura sociológica*. RJ: Zahar, 1978.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *O espetáculo da humilhação: fissuras e limites da sexualidade*. Mana, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 65-90, 2015.

_____. *O gênero da humilhação: afetos, relações e complexos emocionais*. Horizontes Antropológicos, n. 54, pp. 51-78, 2019.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FÍGARI, Carlos Eduardo (org). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (ed). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur. *Autoethnography: an overview*. Forum: Qualitative Social Research 12 No 1 Art 10, 2011.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2008.

_____. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina e MACHADO, Sarah R. *Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro*. Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana, n.14, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Ser afetado*. Cadernos de Campo, 13, p. 155-161, 2005.

FORTUNA, Carlos. *(Micro)territorialidades: metáfora dissidente do social*. Terra Plural: Ponta Grossa, 2012. Disponível em: <
https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/41186/1/%28Micro%29territorialidades_met%C3%A1fora%20dissidente%20do%20social.pdf> Acesso em: abril de 2020.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, As Heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GAMA, Fabiene. *A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla*. Anuário antropológico v. 45, n. 2, 2020.

GAGNON, J.H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia da USP*, 2008.

_____. *Prazeres Perigosos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Schwarcz, 2016.

HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural*. Campinas: Textos Didáticos IFCH, 3ª ed., 2003.

HEBDIGE, Dick. *Subcultura: El significado del estilo*. Barcelona: Paidós Iberica, 2004.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The managed heart: commercialization of human feeling*. University of California Press, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Medos corriqueiros: em busca de uma aproximação metodológica*. Cronos, v. 3, n. 1, 2002.

_____. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. *Sociedade E Estado*, 29(3), 841–866, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/Qk6FY6NnQSY9Y8X6fmnjjk/?lang=pt>> Acesso em: setembro de 2022.

LE BRETON, David. *Antropologia da Dor*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

_____. *As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 10, 1955.

LUTZ, Catherine. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll & their challenge to western theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila. *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.

MARGOT. *Tem um pentelho no meu chicote: a higienização do sexo BDSM*. 2021 Disponível em: <<https://medium.com/bdsm-ed/tem-um-pentelho-no-meu-chicote-a-higieniza%C3%A7%C3%A3o-do-sexo-bdsm-cc3cb1b912fa>> Acesso em: janeiro de 2023.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.). Marcel. Mauss: antropologia. São Paulo: editora Ática, 1979.

_____. "As Técnicas Corporais". In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. São Paulo, EPU, 1974.

_____. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

McClintock, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Trad. Plínio Dentzien. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MEAD, George. *Mind, Self and Society*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1934.

MELO, Marília Loschi de. *A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro*. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NOMIS, Anne O. *The History and Arts of the Dominatrix*. Mary Egan Publishing & Anna Nomis Ltd. 2013.

ORTEGA, Francisco. Modificações corporais na cultura contemporânea. In: _____. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PARREIRAS, Carolina. *'Altporn', corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online*. Universidade Estadual de Campinas, 2015.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Paul. B. *Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROSALDO, Michele. Toward an anthropology of self and feeling. In: SHWEDER, Richard; LEVINE, Robert (ed.). *Culture theory: Essays on mind, self and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137-157.

RUBIN, Gayle. *The ashgate research companion to lesbian and gay activism* (D. P. & Manon Tremblay, Ed.). Routledge, 2015.

_____. The Catacombs: A Temple of the Butthole. In: THOMPSON, Mark (org). *Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics and Practice*. Los Angeles, Alyson Books, 2004.

_____. The leather menace: Comments on politics and S/M. In: SAMOIS (Organization e Ed.), *Coming to power: Writings and graphics on lesbian S/M*. Boston: Alyson Publications, 1981.

_____. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: VANCE, Carole (ed). *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. London: Pandora. 1984.

VICTORIA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. *A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão*. Horizontes Antropológicos, v. 25, p. 7-21, 2019.

SAFATLE, Vladimir. *Fetichismo: colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. (org) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editora, 1979.

SIMÕES, Júlio Assis. *O negócio do desejo*. Cadernos Pagu. Campinas, 2008.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. *Presença Incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VANCE, Carole. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: *Physis*. Revista de Saúde Coletiva. Vol. 5, nº1, IMS/UERJ, 1995.

_____. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. London/Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984.

VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WISEMAN, Jay. *SM 101: A Realistic Introduction*. San Francisco: Greenering Press, 1998.

ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada: BDSM e consentimento sexual*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.